

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BACHARELADO EM DESIGN**

PAULA FRANCINETE TAVARES LIMA

**MULHERES NOTÁVEIS NA ARTE ALAGOANA: ESTUDO DA TRAJETÓRIA E DO
RECONHECIMENTO DE MULHERES ARTISTAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA
DE ALAGOAS**

**MACEIÓ
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
BACHARELADO EM DESIGN**

Paula Francinete Tavares Lima

**MULHERES NOTÁVEIS NA ARTE ALAGOANA: ESTUDO DA TRAJETÓRIA E DO
RECONHECIMENTO DE MULHERES ARTISTAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA
DE ALAGOAS**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado à Universidade Federal de
Alagoas – UFAL, como pré-requisito para a
obtenção do grau de bacharel em Design.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Thaísa Francis César
Sampaio Sarmiento

Maceió
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L732m Lima, Paula Francinete Tavares.

Mulheres notáveis na arte alagoana : estudo da trajetória e do reconhecimento de mulheres artistas na arte contemporânea de Alagoas / Paula Francinete Tavares Lima. – 2021.

101 f. : il. color.

Orientadora: Thaisa Francis César Sampaio.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Design) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 98-101.

1. Cultura visual. 2. Mulheres - Invisibilidade. 3. Artes. 4. Arte contemporânea - Alagoas. I. Título.

CDU: 7.036-055.2(813.5)

Folha de aprovação

AUTORA: **PAULA FRANCINETE TAVARES LIMA**

MULHERES NOTÁVEIS NA ARTE ALAGOANA: ESTUDO DA TRAJETÓRIA E DO RECONHECIMENTO DE MULHERES ARTISTAS NA ARTE CONTEMPORÂNEA DE ALAGOAS

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do curso de Design Bacharelado da Universidade Federal de Alagoas, em 13 de agosto de 2021.

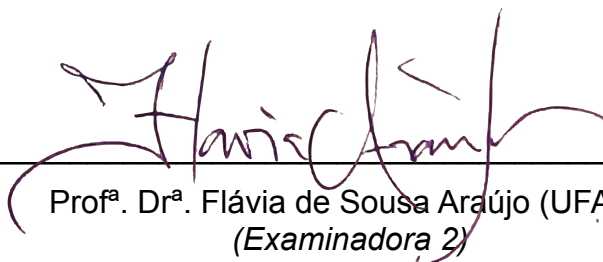


Prof^a. Dr^a. Thaisa Francis César Sampaio Sarmento (UFAL)
(Orientadora)

Banca Examinadora:



Prof^a Dr^a. Eva Rolim Miranda (UFAL)
(Examinadora 1)



Prof^a. Dr^a. Flávia de Sousa Araújo (UFAL)
(Examinadora 2)

DEDICATÓRIA

*“Respeito muito minhas lágrimas
Mas ainda mais minha risada
Inscrevo, assim, minhas palavras
Na voz de uma mulher sagrada”
(Caetano Veloso)*

À todas as mulheres que, em momentos de lágrimas ou de risadas, atravessaram meu caminho e, de alguma forma, me encorajaram, me inspiraram e contribuíram para a minha trajetória até aqui.

Em especial, às duas mulheres que eu mais amo e admiro:

*Leonia Celli, minha mãe, que é o centro de tudo.
Karol, minha irmã, melhor amiga, inspiração de determinação e coragem.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à força Divina, de onde originam todas as coisas, cuja força e amparo são tamanhos, que não se explicam.

À minha mãe, Leonia Celli Tavares, que, incansavelmente se dedicou e jamais mediu esforços para que eu tivesse acesso à educação. Que me levou para a escola em dias de sol e chuva, que me incentivou a nunca desistir e a reconhecer os meus valores.

À minha irmã, Karol, meu grande amor, agradeço pelo companheirismo, pela coragem e determinação que são minha força motriz.

Às minhas tias Eliane e Cilene Bandeira, que são as maiores responsáveis pela minha educação. Agradeço pela Escola Semente, pelos livros, pelos teatros, exposições, folgedos, referências musicais e tudo o que contribuiu para a formação do meu imaginário cultural.

Às amigas e companheiras que o Design me deu: Laís, Giovanna, Aline e Thamyres, que estiveram comigo durante todas as dificuldades no decorrer do curso e me ajudaram a chegar até aqui. Assim como também à Sayonara e Vitória, pelo incentivo e colaboração na realização deste trabalho.

À minha orientadora, Thaisa Sampaio, pelos direcionamentos e resiliência junto comigo durante este processo.

À todas as professoras e professores que, desde o maternal até a graduação, me ensinaram sobre educação, Design e sobre a vida. À Eva Rolim e Maria Eduarda Rosa, que me impulsionaram e foram amigas em momentos de dor.

À Pinacoteca Universitária - Museu de Artes Visuais da UFAL, onde pude conviver mais de perto com as expressões artísticas alagoanas, de onde vieram as inspirações e referências para esta pesquisa. Lugar onde também aprendi sobre diversidade, respeito e o grande valor do trabalho em equipe. Agradeço imensamente à Íris, Iraci, Deinha, Nélia e aos colegas bolsistas que contribuíram com o meu aprendizado durante a jornada na Pina.

Agradeço, em especial, à Tatiana Almeida, museóloga na Pinacoteca da UFAL, cuja força, empenho e dedicação ao seu ofício são inspiradores. Agradeço por todos os ensinamentos, pela generosidade, atenção e cuidado que me dedicou no processo deste trabalho. Pelas pesquisas e também pelas longas conversas tranquilizadoras. Muito obrigada, Tati!

Ao Pedro Paulo, pelo apoio, pelo incentivo e por todos os gestos que engrandecem a minha percepção sobre o amor.

Ao meu pai, Ednaldo, pelas contribuições durante a vida, e ao meu amado irmão João Lucas, que é raio de sol em dias cinzentos.

Às minhas avós Cícera e Francinete, e tias Zezé, Ana Elvira, Lecia, Luciola e Luciana, verdadeiras forças da natureza e exemplos de força e coragem feminina.

À todas as mulheres que atravessaram meu caminho e de alguma maneira contribuíram para a minha trajetória.

RESUMO

Falar de Cultura Visual significa adentrar um campo de estudos muito alargado. Nesse vasto campo, as imagens desempenham um importante papel, não só pelo conceito estético visual, mas como instrumento político e social. Seguramente, falar em cultura visual é abordar um campo no qual a expressão artística está inserida. A Arte Visual, em especial, pela multiplicidade e variedade de técnicas, suportes, linguagens e novas maneiras de expressão que surgem com rapidez a cada instante, reforçando a sua capacidade interdisciplinar. Sabe-se que desde os primórdios o ser humano busca comunicação através de imagens, e que etnógrafos e antropólogos afirmam que vestígios de mãos femininas estiveram presentes nas pinturas encontradas no interior das cavernas, e que ainda que não se saiba, de fato, quem foram os artistas daquela época, as mulheres eram as frequentes artesãs que fabricavam as cerâmicas, os têxteis, cestarias, utensílios e jóias nas culturas neolíticas. No entanto, quando se pensa na presença das mulheres na história das Artes Visuais, a primeira memória que geralmente ocorre é o recorrente arquétipo da figura feminina idealizado, retratado e representado por homens e não como autoras e protagonistas do ofício. A questão da invisibilidade feminina é tema para muitas pesquisas e a busca por representatividade e equidade nas artes visuais é pauta, inclusive, para muitas artes de protestos. Trazendo para a cena artística de Alagoas, apesar do tradicionalismo arraigado e de ainda observarmos um número maior de autores homens, a arte contemporânea alagoana está bem representada por mulheres artistas que contribuíram para o retrato da cultura visual da região. São muitos os nomes das mulheres que escreveram - ou, literalmente, pintaram - a trajetória da arte contemporânea de Alagoas. Aqui traremos a biografia e a produção de 5 delas, cujas expressões artísticas se destacam pela técnica, pela sensibilidade, pelo impacto na cultura visual local e pela grandiosidade das atividades realizadas através do poderoso encontro entre a arte e as comunidades.

Palavras-chave: Cultura visual. Invisibilidade feminina. Artes visuais. Arte contemporânea alagoana.

ABSTRACT

Talking about Visual Culture means entering a very wide field of study. In this field, images play an important part, not only for the concept of visual aesthetics, but also as a social and political instrument. Surely, talking about visual culture is approaching an area in which artistic expression is inserted. Visual art, in particular, due to the multiplicity and variety of techniques, supports, languages and new forms of expression that appear quickly at every moment, reinforcing its interdisciplinary capacity. It is known that, since beginnings, human search communication through images, and ethnographers and anthropologists affirm that trace elements woman hands were present in paintings finding inside caves and though it is unknown indeed, who were artists from that time, the women were frequent artisans who manufactured ceramics, textiles, basketwork, utensils and jewelry in Neolithic cultures. However, when we think about the presence of women in the history of Visual arts, the first memory which usually happens is the recurring archetype of the idealized female figure, portrayed and represented by men and not as authors and protagonists of the craft. The female invisibility is a topic for a lot of research, and the quest for representation and equity in visual arts is a subject for many protest arts. Bringing for artistic scene of Alagoas, despite traditionalism rooted and that still observe more authors men, contemporary art from Alagoas is well represented by women artists who have contributed to the portrayal of the visual culture of region. There are many names of women that wrote - or literally painted - trajectory of contemporary art in Alagoas. Here we will treat the biography and production of five of them, whose artistic expressions stand out for technique, for sensibility, for impact on the local visual culture and the grandeur of activities carried out through the powerful encounter between art and communities.

Key-words: Visual culture. Female invisibility. Visual arts. Contemporary art in Alagoas.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Artista Eva Le Campion.....	18
Figura 2. Artista Jeanine Toledo.....	18
Figura 3. Artista Hilda Moura.....	18
Figura 4. Artista Maria Amélia Vieira.....	18
Figura 5. Artista Rosa Maria Piatti.....	18
Figura 6. Dona Irinéia modela suas peças de barro, no povoado do Muquém.....	30
Figura 7. Dona Irinéia, Mestreira do Patrimônio Vivo de Alagoas.....	30
Figura 8. Vanessa Teixeira, 29 anos. CEO e doceira da Açúcar Mascavo Doces Personalizados.....	31
Figura 9. Doces personalizados Açúcar Mascavo.....	31
Figura 10. Doces personalizados Açúcar Mascavo.....	31
Figura 11. Bumba-meu-boi Trovão no concurso municipal de Bois de Maceió.....	33
Figura 12. D. Lourdes de Lima Arcanjo, coordenadora do Bumba-meu-boi Trovão..	33
Figura 13. Aula de anatomia no Instituto de Artes da UFRGS em 1928.....	37
Figura 14. Artista Anita Malfatti.....	38
Figura 15. Obra “A Estudante” de Anita Malfatti.....	38
Figura 16. Artista Zina Aita.....	38
Figura 17. Obra s/t de Zina Aita.....	38
Figura 18. Artista Tarsila do Amaral.....	38
Figura 19. Obra “Operários” de Tarsila do Amaral.....	38
Figura 20. Artista Lygia Pape.....	39
Figura 21. Obra “Tecelar” de Lygia Pape.....	39
Figura 22. Coletivo Guerrilla Girls usando máscaras de gorila.....	40
Figura 23. Cartaz em protesto ao Metropolitan Museum.....	40
Figura 24. Cartaz com dados do acervo do MASP.....	41
Figura 25. Artista Miriam Lima.....	43
Figura 26. I Feira de Amostras de Alagoas (1933).....	43
Figura 27. Frames de entrevista com a artista Maria Tereza Vieira.....	45
Figura 28. Obra s/t da artista Maria Tereza Vieira.....	45
Figura 29. Painel visual da artista Eva Le Campion.....	47
Figura 30. Obra “Labirinto” da artista Eva Le Campion.....	48
Figura 31. Bispo do Rosário e sua arte.....	50

Figura 32. Bispo do Rosário e sua arte.....	50
Figura 33. Bispo do Rosário e sua arte.....	50
Figura 34. Detalhes da obra “Labirinto”.....	51
Figura 35. Detalhes da obra “Labirinto”.....	51
Figura 36. Detalhes da obra “Labirinto”.....	51
Figura 37. Eva Le Campion interagindo com as crianças.....	52
Figura 38. Fotografia da exposição Barro Oco.....	52
Figura 39. Artista Eva Le Campion na abertura da exposição “Moira”.....	53
Figura 40. Detalhe da obra Ceia Larga.....	53
Figura 41. Detalhe da obra Ceia Larga.....	53
Figura 42. Vista da exposição “Moira”.....	53
Figura 43. Vista superior da obra Ceia Larga.....	53
Figura 44. Painel visual da artista Hilda Moura.....	55
Figura 45. Obra S/ Título - Hilda Moura.....	57
Figura 46. Obra S/ Título - Hilda Moura.....	57
Figura 47. Obra S/ Título - Hilda Moura.....	57
Figura 48. Obra S/ Título - Hilda Moura.....	57
Figura 49. Obra S/ Título - Hilda Moura.....	57
Figura 50. Obra S/ Título - Hilda Moura.....	57
Figura 52. Instalação “O salão do drama”.....	58
Figura 52. Obras expostas à direita, compondo “O salão do drama”.....	58
Figura 53. Frase do escritor Gabriel García Márquez.....	58
Figura 54. Figura 54. Instalação com videoarte.....	59
Figura 55. Obra “Matrioska”.....	60
Figura 56. Obra “Ninguém vai rir”.....	60
Figura 57. Obra “Alice”.....	60
Figura 58. Obra “Marcela”.....	60
Figura 59. Obra “Rainha”.....	60
Figura 60. Painel visual da artista Jeanine Toledo.....	62
Figura 61. Obra Isto É Arte? Arte É Isto.....	64
Figura 62. Obra O pensador de Auguste Rodin.....	65
Figuras 63. Frames do vídeo: Uns e Outros, Jeanine Toledo.....	66
Figuras 64. Frames do vídeo: Uns e Outros, Jeanine Toledo.....	66
Figuras 65. Frames do vídeo: Uns e Outros, Jeanine Toledo.....	66

Figura 66. Obra “Encontros e Despedidas”.....	68
Figura 67. Obra “Encontros e Despedidas”.....	68
Figura 68. Painel visual da artista Maria Amélia Vieira.....	69
Figura 69. Obra s/t - Maria Amélia Vieira.....	71
Figura 70. Instalação da série “E do barro foi feito”.....	71
Figura 71. “Vestimenta” da série Passagem para a vida.....	72
Figura 72. Maria Amélia Vieira e Dalton Costa no projeto “O Museu no Balanço das Águas”.....	74
Figura 73. Maria Amélia Vieira no projeto “O Museu no Balanço das Águas”.....	74
Figura 74. Painel visual da artista Rosa Maria Piatti.....	75
Figura 75. Obra s/ título - Rosa Maria Piatti.....	76
Figura 76. Obras da mostra “Perspectivas de Mim”.....	77
Figura 77. Obras da mostra “Perspectivas de Mim”.....	77
Figura 78. A artista Rosa M ^a Piatti com uma de suas obras na mostra Perspectivas de mim”.....	77
Figura 79. Na ordem, Ana Maia e Rosa M ^a Piatti.....	78
Figura 80. Peças “Viver de Arte”.....	78
Figura 81. Peças “Viver de Arte”.....	78
Figura 82. Peças “Viver de Arte”.....	78
Figura 83. Peças Maia Piatti.....	79
Figura 84. Peças Maia Piatti.....	79
Figura 85. Peças Maia Piatti.....	79
Figura 86. Ana Maia e Rosa M ^a Piatti no ateliê Maia Piatti.....	80
Figura 87. Projetos de revitalização do Mirante de Santa Terezinha.....	80
Figura 88. Projetos de revitalização do Mirante de Santa Terezinha.....	80
Figura 89. Projetos de revitalização do Mirante de Santa Terezinha.....	80
Figura 90. Mapa mental/conceitual da pesquisa - Parte 1.....	88
Figura 91. Mapa mental/conceitual da pesquisa - Parte 2.....	88
Figura 92. Mapa mental/conceitual da pesquisa - Parte 3.....	89

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise da expressão artística - Eva Le Campion.....	81
Tabela 2 - Análise da expressão artística - Hilda Moura.....	85
Tabela 3 - Análise da expressão artística - Jeanine Toledo.....	88
Tabela 4 - Análise da expressão artística - Maria Amélia Vieira.....	90
Tabela 4 - Análise da expressão artística - Rosa Maria Piatti.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABIMAD SP - Associação Brasileira das Indústrias de Móveis de Alta Decoração

CCSP - Centro Cultural São Paulo

CESMAC - Centro de Estudos Superiores de Maceió

EUA - Estados Unidos da América

FAPF - Federação Alagoana pelo Progresso Feminino

IHGAL - Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas

ICSID - International Council of Societies of Industrial Design

MASP - Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand

MoMA - Museum of Modern Art

PROEX - UFAL - Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alagoas

PUC RJ - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

SESC AL - Serviço Social do Comércio de Alagoas

SESC DF - Serviço Social do Comércio do Distrito Federal

UFAL - Universidade Federal de Alagoas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Justificativa.....	17
1.2 Objetivos	18
1.2.1 Geral	18
1.2.2 Específicos	19
1.3 Metodologia de pesquisa.....	19
1.4 Revisão da Literatura.....	20
1.5 Estruturação do TCC.....	22
1.6 Motivação para a pesquisa.....	23
2 ARTE, “CULTURA VISUAL DO POVO” E O DESIGN COMO MEDIADOR.....	25
3 A INVISIBILIDADE FEMININA NA HISTÓRIA DA ARTE.....	35
3.1 Entendendo a figura feminina na cena artística alagoana.....	42
4 ARTE CONTEMPORÂNEA ALAGOANA ATRAVÉS DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA FEMININA: 5 MULHERES NOTÁVEIS.....	47
4.1 Eva Le Campion: Artes visuais e trabalho social.....	47
4.2 Hilda Moura: Arte e a poética das dualidades.....	55
4.3 Jeanine Toledo: “O que é arte? Arte é isto?”.....	62
4.4 Maria Amélia Vieira: Diálogo entre as artes contemporânea e popular.....	69
4.5 Rosa Maria Piatti: A arte dos ritmos.....	75
5 ANÁLISES DAS EXPRESSÕES VISUAIS.....	81
5.1 Análise da expressão visual: Eva Le Campion.....	81
5.2 Análise da expressão visual: Hilda Moura.....	85
5.3 Análise da expressão visual: Jeanine Toledo.....	88
5.4 Análise da expressão visual: Maria Amélia Vieira.....	90
5.5 Análise da expressão visual: Rosa Maria Piatti.....	92
MAPA MENTAL.....	95

CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS.....	98

1 INTRODUÇÃO

Expressar-se através de imagens ou esquemas visuais é uma característica intuitiva do ser humano desde os seus primeiros saberes e desde o início dos tempos. Em um vídeo publicado pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE - SP), sobre a temática da Cultura Visual, o teórico de Comunicação Norval Baitello, contribui com sua fala dizendo que:

“As imagens nascem dentro de uma caverna escura, que é a caverna escura da nossa mente. O tempo todo nós produzimos imagens dentro da mente. E a primeira vez que essas imagens saíram desse universo, dessa caverna escura, elas foram colocadas nas paredes de cavernas na pré-história do homem e passaram daquilo que era a sua mente e foram para as paredes de cavernas. Isto seria a pré-história da imagem. Muito tempo depois, a imagem passa a ocupar espaços que são espaços sagrados. Então, o lugar da imagem passa a ser as igrejas, os templos. Depois, na próxima fase, ela deixa de ser propriedade exclusiva da religião e passa a ser propriedade da Arte. E aí o lugar da imagem passa a ser o museu. Então, os museus e as salas de exposição, galerias e lugares onde se expunha arte, passaram a ser o espaço privilegiado onde as pessoas iam para ver imagens. Então, o valor da imagem não é mais a transcendência, ela não serve mais para nos conectar com a divindade. Ela serve para nos conectar com a beleza e com o estético. Este período dura até meados do século XX - talvez início do século XX - quando a imagem explode esses espaços e passa a ocupar o espaço público no qual todos nós vivemos: o espaço da cidade, o espaço da casa, o espaço da circulação.” (FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Cultura Visual. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cSIA1jSNkt8>>)

Sobre esta afirmativa, podemos considerar a metáfora ao saber que, de fato, os primeiros registros de representações através de imagens, símbolos e signos pictóricos encontradas na história foram as pinturas rupestres no interior das cavernas e, com a evolução do tempo, a imagem foi ganhando outros significados e funções, ocupando novos espaços, até que se tornou pública. Entretanto, de algum modo, está sempre associada à arte.

No ano de 2008, a Biblioteca Municipal de Penamacor - em Portugal, realizou uma exposição de arte intitulada “A Invisibilidade da Mulher na História da Arte”, e publicou um material informativo referente ao tema da exposição, que

afirmavam que desde a Pré-história, vestígios de mãos femininas estiveram presentes nas pinturas encontradas no interior das cavernas e, ainda que não se saiba de fato quem foram os artistas daquela época, etnógrafos e antropólogos indicam que as mulheres eram as frequentes artesãs que fabricavam as cerâmicas, os têxteis, cestarias, utensílios e jóias nas culturas neolíticas. (NABAIS, Joaquim. A Invisibilidade da Mulher na História da Arte: Exposição Biblioteca Municipal de Penamacor, 2008)

Porém, quando se pensa na presença das mulheres na história das Artes Visuais, a primeira memória que geralmente ocorre é o recorrente arquétipo da figura feminina idealizado, retratado e representado por homens, ao longo dos períodos e estilos artísticos.

Trazendo a problemática para a cena artística de Alagoas, vale mencionar que, apesar da formação socioeconômica do estado ter sido baseada em modos bastante tradicionalistas e de ainda observarmos um número maior de autores homens nos registros das obras de arte e exposições em museus e galerias locais, a arte contemporânea alagoana está bem representada por mulheres artistas que contribuíram para o retrato da cultura visual da região e são importantes figuras na produção contemporânea de obras, artefatos e peças cheias de características simbólicas e significativas para a cultura alagoana.

São muitos os nomes das mulheres que escreveram a trajetória da arte contemporânea de Alagoas. Aqui iremos apresentar a biografia e a produção de 5 mulheres com carreiras artísticas consolidadas, com exposições realizadas na Pinacoteca Universitária - Museu de Artes Visuais da UFAL, e cujas expressões artísticas se destacam pela técnica, pela sensibilidade, pelo impacto que suas obras refletem na cultura visual local e pelas atividades realizadas através do poderoso encontro entre a arte e da relação com as comunidades.

Considerando a invisibilidade - ou falta de representatividade - feminina na história da arte, este trabalho se debruça em reunir informações sobre a importância do fazer artístico de mulheres alagoanas, para o panorama visual e estético da região ao longo da história da arte contemporânea, através de análises críticas que relacionam suas obras e a cultura visual alagoana.

1.1 JUSTIFICATIVA

A questão de gênero abordada aqui neste trabalho, através das análises sobre a invisibilidade feminina nas artes visuais, foram diagnosticadas a partir de dados quanti-qualitativos em que apresentam esta desigualdade em números, nas pesquisas apresentadas em diversas instituições de arte e estudos realizados por teóricos que se dedicam a esta temática.

Sobre estas constatações, o desenvolvimento deste trabalho se justifica pelo objetivo de destacar a expressão artística feminina em Alagoas e compreender a sua importância para a cultura visual alagoana, visto que as expressões destas artistas são de valiosa importância para o panorama estético da arte contemporânea alagoana, e, sobretudo, pela relação afetiva pessoal que a autora desta pesquisa estabeleceu com a obra destas artistas durante o período em que esteve como bolsista pelo Programa de Extensão, na Pinacoteca Universitária da UFAL. São elas: Eva Le Campion, Hilda Moura, Jeanine Toledo, Maria Amélia Vieira e Rosa Maria Piatti.

Eva Le Campion, destacada pela importância dos trabalhos que desenvolve através da arte, com jovens e famílias em situação de vulnerabilidade, nas comunidades carentes de Alagoas, junto à Cruz Vermelha Alagoana.

Jeanine Toledo, artista multimídia com um consistente trabalho desenvolvido na arte contemporânea.

Hilda Moura, a mais recente na vida artística, mas que conquistou o público com suas obras sensíveis e fortes, cheias de significados profundos.

Maria Amélia Vieira, coleciona inúmeras exposições e uma trajetória marcada pelo diálogo entre a arte contemporânea e arte popular.

Rosa Maria Piatti, cercada de arte desde muito jovem, a artista enveredou pela moda, pela produção de peças, utensílios e artefatos de arte que exprimem sua marca inconfundível.



Figura 1. Artista Eva Le Campion. Fonte: Rede social da artista

Figura 2. Artista Jeanine Toledo, 2020. Fonte: Painel Notícias

Figura 3. Artista Hilda Moura, 2016. Fonte: Rede social da artista.

Figura 4. Artista Maria Amélia Vieira. Fonte: Karandash

Figura 5. Artista Rosa Maria Piatti. Fonte: Blog Aqui Acolá

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo principal deste trabalho é analisar a produção artística das mulheres na cena contemporânea alagoana, a fim de destacar 5 artistas mulheres notáveis e estabelecer relações entre suas produções artísticas e a importância para a cultura visual de Alagoas.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estudar a trajetória artística feminina contemporânea em Alagoas;
- Apresentar a biografia das 5 artistas sujeitos da pesquisa;
- Analisar a produção das 5 artistas através de referências imagens;
- Estabelecer relações entre a produção artística e a cultura visual contemporânea;

1.3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Esta pesquisa consiste em um estudo observacional sobre a expressão de 5 artistas mulheres alagoanas que se destacam por sua contribuição à cultura visual de Alagoas. Portanto, nosso referencial teórico partiu de três temas principais: (A) O estudo da cultura visual; (B) A invisibilidade feminina na história da arte e (C) a cena artística contemporânea de Alagoas, através da expressão destas 5 artistas selecionadas.

O caminho metodológico traçado para a realização deste trabalho segue pela etapas de (1) Pesquisa Desk; (2) Imersão no referencial teórico e na biografia e expressão de cada artista sujeito da pesquisa; (3) confecção de mapa visual envolvendo a temática da pesquisa; (4) análises sobre a expressão de cada uma das artistas: conceitual, estética e morfológica; (5) confecção de painéis visuais sobre a expressão e vida de cada uma das artistas; (6) conclusão e considerações finais.

A **Pesquisa Desk** é uma ferramenta sugerida pela metodologia do Design Thinking, e consiste em buscar por informações sobre a temática abordada no projeto em fontes diversas (websites, livros, revistas, blogs, artigos, entre outros). O nome Desk origina-se de desktop, e é utilizado porque grande parte da pesquisa é realizada, atualmente, com base em referências seguras da internet. (VIANNA, Maurício... [et al]. Design Thinking: inovação e negócios. 1ª edição. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.)

A **Imersão em Profundidade**, assim como a ferramenta anterior, também é uma etapa sugerida pela metodologia do Design Thinking. Esta é uma etapa da pesquisa que, como o nome sugere, há um aprofundamento maior no contexto de

vida dos atores e do assunto trabalhado. Geralmente, com foco no ser humano como o objetivo de obter informações em quatro tópicos: 1. O que as pessoas falam?; 2. Como agem?; 3. O que pensam?; 4) Como se sentem? (VIANNA, Maurício... [et al]. Design Thinking: inovação e negócios. 1ª edição. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.)

O **Mapa Mental ou Conceitual** consiste na visualização gráfica, elaborada para simplificar e organizar visualmente os dados obtidos nas pesquisas iniciais. Seu objetivo é ilustrar a ligação entre os temas relacionados à pesquisa e também comunicar a síntese da pesquisa. (VIANNA, Maurício... [et al]. Design Thinking: inovação e negócios. 1ª edição. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.)

Na etapa das **análises**, observaremos a expressão artística, através de aspectos estéticos formais e conceituais abordados no trabalho das artistas. Os aspectos analisados serão: (a) Materiais e suportes; (b) Paleta de cores; (c) Processo criativo; (d) Referências; (e) Técnicas; (f) Texturas e (g) Tipologia.

Os **painéis visuais** consistirão em peças gráficas que apresentarão a expressão artística de cada uma das artistas estudadas, através de elementos simbólicos as caracterizam.

Nas **considerações finais** serão apresentadas as conclusões obtidas com a realização da pesquisa.

1.4 REVISÃO DA LITERATURA

A) Trajetória da invisibilidade feminina na História da Arte

Para fazer o caminho do estudo do protagonismo feminino na história da arte, se fez necessário passar por algumas etapas metodológicas, a fim de entender o histórico do contexto no qual estas artistas estão inseridas e o porquê dos resultados encontrados. Foram analisados alguns artigos e publicações científicas, assim como também publicações e levantamento de dados de museus e acervos de arte.

A historiadora de arte Linda Nochlin, em um artigo publicado na Revista Art News, em 1971, intitulado “Por que não houve grandes mulheres artistas?”, através da indagação que intitula sua pesquisa, convida a uma reflexão sobre uma problemática que ecoa e atravessa séculos em busca dessa resposta.

Ao adentrar nas pesquisas sobre o tema, é possível sabermos que temos sim

grandes nomes femininos na arte, mas o que ilustra o imaginário quando se pensa no protagonismo dos grandes movimentos e vanguardas artísticas, são nomes de artistas homens: Da Vinci, Picasso, Renoir, Monet, Klee, entre outras centenas de nomes.

Abordaremos uma pesquisa acerca da atuação do importante coletivo feminista Guerrilla Girls, que age através de protestos artísticos, onde criticam a disparidade nos números que registram a baixa quantidade de artistas mulheres convidadas para exposições, assim como o número de obras de autoria feminina e também o tocante da representação do corpo feminino nu em relação ao masculino, em grandes instituições de arte mundo a fora.

Portanto, nosso caminho passa pela investigação histórica da presença feminina como artista-autora e criadora, e não tão somente como “objeto de representação”, desde os primeiros registros do fazer artístico feminino, passando pela contextualização na cena brasileira e, chegando à cena artística local, em Alagoas.

B) A representatividade feminina na cena artística alagoana

Para a compreensão da atuação de mulheres artistas em Alagoas, partimos da contextualização da formação socioeconômica do estado e os desdobramentos e reflexos históricos que ocasionaram na cena artística contemporânea.

O texto base utilizado para as análises desta parte da pesquisa foi o trabalho final da pesquisa de Doutorado da professora Celia Campos, intitulado “ Uma Visualidade: trajetória e crítica da pintura alagoana: 1892 - 1992, publicado no ano de 2000. O texto aborda também uma rápida biografia dos artistas mais relevantes e traz a compreensão do papel de contribuição de cada um deles, em um panorama visual através de suas obras apresentadas no final do livro.

Outro texto utilizado para estudo da biografia de artistas foi o “Arte Alagoas I e II” (1987), que traz uma breve biografia de cada artista que participou da exposição Arte de Alagoas, comemorativa ao centenário do poeta Jorge de Lima.

Traremos dados encontrados em matérias e artigos publicados por *blogs* e jornais locais, textos curatoriais, pesquisa nos registros de exposições e no acervo da Pinacoteca Universitária da Ufal, e a visualidade que o livro “Pinacoteca

Universitária: arte do século XXI” traz sobre a referência de obras e artistas contemporâneos que compõem o panorama da cultura visual alagoana.

C) 5 Mulheres notáveis na arte contemporânea alagoana e o que suas obras falam

O levantamento de dados sobre as artistas alagoanas consistiu em pesquisas em livros, jornais, catálogos e publicações locais, em *sites* de galerias e enciclopédias virtuais que narram os acontecimentos artísticos ao longo da história da cultura e arte alagoana, assim como das artistas.

Após este levantamento, pretende-se selecionar as 5 artistas notáveis no cenário contemporâneo, considerando a relevante importância de seus trabalhos para a Arte Contemporânea de Alagoas, e abordar a biografia de cada uma delas, caracterizando seus trabalhos e sua expressão artística (técnicas, materiais, métodos, etc). Pretende-se apresentar este conteúdo através de narrativas, figuras, fotografias das obras, infográficos e painéis visuais.

D) ARTE, “CULTURA VISUAL DO POVO” E O DESIGN COMO MEDIADOR:

Esta parte da pesquisa aborda visões e conceitos trazidos por teóricos como Lia Krucken apresentando sobre as características do Design com foco em projetos que envolvam a cultura local e o território. Malcolm Barnarde e Nicholas Mirzoeff, sobre a temática dos estudos da cultura visual em relação ao Design. A visão de cultura de Raymond William segundo traz Stuart Hall em um de seus livros. E, por fim, conceitos sobre a “Cultura Visual do Povo” e suas nuances, abordado pela arte educadora e curadora Ana Mae Barbosa e a experiência da italiana Lina Bo Bardi, que fez do Brasil sua morada e aqui imprimiu sua arte e expressão, colaborando grandemente para a arquitetura, o design, a arte e a cultura visual brasileira.

1.4 ESTRUTURA DO TCC

O presente trabalho se organiza em 7 capítulos, que se apresentam na seguinte estrutura:

Capítulo 1 apresenta a introdução ao tema da pesquisa, os objetivos do trabalho, a justificativa, os caminhos metodológicos e ferramentas de pesquisa, e a motivação da pesquisa.

Capítulo 2 explana a visão teórica entre a Cultura Visual, a Arte e o Design, e as práticas que envolvem o cruzamento destas três áreas afins.

Capítulo 3 explana o referencial teórico e os campos da pesquisa do trabalho presente, que consistem na invisibilidade feminina na história da arte e a representatividade feminina na cena artística contemporânea alagoana.

Capítulo 4 apresenta a biografia e a trajetória artística das 5 artistas destacadas pela pesquisa, que são Eva Le Campion, Hilda Moura, Jeanine Toledo, Maria Amélia Vieira e Rosa Maria Piatti.

Capítulo 5 apresenta as análises da expressão artística de cada uma das artistas estudadas.

Mapa Mental: apresenta o mapa mental que cruza as temáticas da pesquisa.

Considerações finais: explana as considerações finais, apontando a importância das análises propostas neste trabalho, para que colabore com a visibilidade feminina na arte alagoana.

1.5 MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

No ano de 2018, a autora iniciou atividades como bolsista na Pinacoteca Universitária da Ufal, pelo programa de extensão PROEX-UFAL, onde permaneceu até o primeiro semestre de 2021. Dentre os muitos aprendizados que adquiriu na experiência como bolsista da Pina - como carinhosamente a chamam - a vivência diária com o universo artístico que envolve a Pinacoteca Universitária - Museu de Artes Visuais da UFAL, a trouxe um despertar mais sensível e atento para o que estava dentro e fora dali também.

Durante uma das atividades junto com a equipe, no processo de criação de uma exposição comemorativa da Pinacoteca realizada em 2019, a autora passou a

ter acesso a documentação da trajetória histórica do museu e então começou a observar a questão da representatividade feminina nas exposições realizadas desde a fundação da Pinacoteca da UFAL, em 1981 até a última exposição realizada no final de 2019, assim como também o acervo do museu.

Passou então a pesquisar a representatividade feminina nas artes visuais e se deparou com uma infinidade de estudos, referências e projetos realizados sobre esta temática e, então, encontrou na temática de sua pesquisa a oportunidade de destacar 5 importantes figuras femininas na trajetória da arte contemporânea alagoana e compreender a importância de suas expressões artísticas para a cultura visual de Alagoas.

2 ARTE, “CULTURA VISUAL DO POVO”, E O DESIGN COMO MEDIADOR

Existem diversas interpretações e definições para o que se reconhece por Design. O termo *design*, por sua vez, deriva da palavra latina *designare*, que traduzida remete ao significado de conceber e desenvolver. Refere-se tanto ao desenho como também ao projeto, ao planejamento de produtos, serviços e sistemas. Numa definição apressada, podemos resumir e dizer que o Design é uma ciência multidisciplinar que tem como base o objetivo de propor soluções para problemas cotidianos, através de projetos que se valem, principalmente, da criatividade e de planejamentos. Desse modo, como bem destaca Krucken (2009), podemos dizer que o Design se apresenta mediando dimensões imateriais (imagens e ideias) e dimensões materiais (artefatos físicos - produtos). Sobre esta característica mediadora do Design, o International Council of Societies of Industrial Design – ICSID (2005) afirma que:

Design é uma atividade criativa que tem como objetivo estabelecer as múltiplas qualidades dos objetos, processos, serviços e seus sistemas em todo o seu ciclo de vida. Portanto, o design é um fator central para a humanização inovadora das tecnologias e um fator crucial para a troca econômica e cultural”. (International Council of Societies of Industrial Design – ICSID (2005) *apud* KRUCKEN, 2009).

Dito isto, é parte essencial do Design a comunicação através de imagens, esquemas visuais, representações gráficas e tudo o que envolve este universo visual. Expressar-se através de imagens ou símbolos é uma característica intuitiva do ser humano, desde os seus primeiros saberes, desde o início dos tempos. Sobre esta afirmativa, o reconhecido designer gráfico norte-americano Philip Meggs (2011) afirmou que:

Desde a Pré-história, as pessoas têm procurado maneiras de representar visualmente idéias e conceitos, guardar conhecimento graficamente, e dar ordem e clareza à informação. Ao longo dos anos essas necessidades têm sido supridas por escribas, impressores e artistas. (Philip Meggs, historiador-designer. *Meggs’s History of Graphic Design*, 2011, Prefácio VIII).

Como aponta Meggs (2011), desde os primórdios, o ser humano busca a comunicação através de imagens, e com a evolução dos tempos e das tecnologias de cada época, esse tipo de comunicação tem se tornado cada vez mais eficaz e, portanto, cada vez mais utilizada também.

O teórico de Comunicação Norval Baitello, em um vídeo documentário publicado pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE - SP), sobre a temática da Cultura Visual, inicia sua fala dizendo que “as imagens nascem dentro de uma caverna escura, que é a caverna escura da nossa mente (...)e a primeira vez que essas imagens saíram desse universo dessa caverna escura, elas foram colocadas nas paredes de cavernas [reais], na pré-história do homem”. (FDE - Fundação para o Desenvolvimento da Educação. Cultura Visual. Youtube, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cSIA1jSNkt8>>)

Observando pela ótica da reflexão metafórica de Baitello, a Cultura Visual, portanto, pode ser vista como tudo aquilo que é produto do imaginário coletivo de um grupo ou sociedade e que, uma vez materializado - expressado - passa a caracterizar o seu repertório visual através de signos e expressões culturais.

Neste sentido, falar de Cultura Visual significa adentrar um campo de estudos muito alargado, onde cabem não somente os estudos de arte e os estudos culturais abordados pelo olhar antropológico, mas toda uma série de estudos sobre imagens e o seu cruzamento com diferentes áreas de saberes. Portanto, aqui abordaremos apenas alguns dos pontos de intersecção entre este campo de estudo, o Design, a relação com as artes visuais e a questão de gênero, no tocante da representatividade feminina na cena artística alagoana.

Dentro desse vasto campo de estudo, as imagens desempenham um importante papel, não só como um conceito estético visual, mas como arma política e social nas modalidades diversas em que possa se apresentar, tais como a fotografia, o cinema, a pintura e as artes visuais como um todo - esta última trataremos de maneira mais aprofundada em nossa pesquisa.

Muitos teóricos se debruçaram sobre a relação dos estudos da Cultura Visual com o Design, de diferentes pontos de vista. Entre tantos teóricos, aqui abordaremos as compreensões dos autores Malcolm Barnard e Nicholas Mirzoeff.

Iniciamos por Malcolm Barnard, professor de História e Teoria da Arte e Design na Universidade de Derby, na Grã-Bretanha, e possui publicações na áreas de Cultura Visual, Filosofia e Cultura. Barnard (1998) defende que o modo como os

diferentes grupos sociais definem e fazem uso do visual faz com que se torne importante para o processo investigar e explicar esses modos. Para o autor, o visual pode ser definido por tudo aquilo que é produzido, que pode ser visto, criado e interpretado pelo ser humano com uma intenção funcional, comunicacional e estética, e desse modo, afirma a necessidade de adotar um conceito de cultura para estudar e explicar a Cultura Visual.

Assim como constata o autor, podemos reiterar também a valorosa importância da abordagem da temática da Cultura para esta pesquisa, sob a ótica observadora que não se vale da pretensão de classificar ou definir o que é ou não Cultura, considerando que esta é uma temática tanto complexa quanto, proporcionalmente, fundamental para a compreensão da cultura visual e atuação do designer.

Há muitas definições para Cultura sendo pautadas em diversos campos de estudo. No entanto, ficamos aqui com a ideia trazida pelos estudos culturais do teórico Stuart Hall, que defende um conceito não engessado daquilo que pode ser considerado cultura e, citando o intelectual galês Raymond William no trecho de um de seus livros, diz que:

“O fato é que nenhuma definição única e não problemática de cultura se encontra aqui. O conceito continua complexo - um local de interesses convergentes, em vez de uma ideia lógica ou conceitualmente clara.(...) Duas maneiras diferentes de conceituar a cultura podem ser extraídas das várias e sugestivas formulações feitas por Raymond Williams em *The Long Revolution*. A primeira relaciona cultura à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns.(...)A concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada. Não consiste mais na soma de o “melhor que foi pensado e dito”, considerado como os ápices de uma civilização plenamente realizada - aquele ideal de perfeição para o qual, num sentido antigo, todos aspiravam. Mesmo a “arte” - designada anteriormente como posição de privilégio, uma pedra-de-toque dos mais altos valores da civilização - é agora definida como apenas uma forma especial de processo social geral: o dar e tomar significados e o lento desenvolvimento dos significados comuns; isto é, uma cultura comum: a “cultura”, neste sentido especial, “é ordinária”. (HALL, Stuart. 2003, p. 134 - 135)

Pelo conceito de Raymond Williams trazido por Hall (2003) no trecho acima, podemos concordar que todo indivíduo é criador e propagador da cultura e que o seu conceito não está definido em algo estático e limitado, mas que a cultura é viva e está acontecendo, sendo produzida e difundida o tempo todo de modo que se renova com o tempo. Já a Arte, neste caso, pode ser observada como um dos meios de produção e manifestação cultural, tendo importante e significativo papel com sua expressão no meio social, como veremos mais a seguir.

A visão de Nicholas Mirzoeff (teórico da Cultura Visual e professor do Departamento de Mídia, Cultura e Comunicação da Universidade de Nova York) afirma que a Cultura Visual deve ser observada do ponto de vista da amplitude da cultura à qual pertence e também onde se transforma, mantendo-se em um lugar sempre desafiante, de interação social entre classes, gêneros, identidades sexuais e raciais.

A cultura visual não depende das imagens em si, mas da tendência moderna de capturar imagens ou visualizar a existência. (MIRZOEFF, 2007, p.23)

Para Mirzoeff, é a visualidade que permite com que cada época seja diferente uma da outra, em especial a pós-moderna em relação às mais antigas, pelo hiperestímulo da cultura visual moderna que se dedica a cada vez mais saturar o campo visual.

Seguramente, falar em cultura visual é abordar um campo no qual a expressão artística está totalmente inserida e da qual, certamente, deve partir, ao considerar que o sujeito artista, aquele que se expressa e expressa o mundo, conta e narra, através da sua arte, fatos e histórias.

Destacamos aqui a Arte Visual, em especial, pela multiplicidade e variedade de técnicas, suportes, linguagens e novas maneiras de expressão que surgem com rapidez a cada instante. Estas características concedem à Arte a interdisciplinaridade, com interação entre as áreas do saber, de modo que está inserida no contexto da Cultura Visual como uma linguagem poética, política e social potentes. Esta ideia é evidenciada no posicionamento de multiculturalidade no ensino da arte proposto por Bugus Fatuyi, no artigo “O ensino da arte nos países do terceiro mundo”. Para Fatuyi:

Não existe arte pela arte, ao contrário do que muitas culturas consideram. A arte tem uma funcionalidade e um propósito. Ela é dialética e comunicativa (...). A arte tem muitas linguagens. Como existem muitas culturas, há muitas formas de arte (...), a arte representa os símbolos de uma cultura, de um povo ou valores de um grupo e a forma de vida social das comunidades. (FATUYL, 1990, p. 159)

Sobre a observação da arte e da cultura visual pela ótica da representação dos símbolos e da cultura de um povo, de um grupo ou comunidade, vale considerar o ponto de vista da renomada arte educadora Ana Mae Barbosa, “que mudou os rumos da arte educação no Brasil marcando uma transição do modernismo para o pós-modernismo” (ARRIAGA, 2007; AZEVEDO, 2016), pois, ressalta nessa transição um ensino de arte mais político, com a necessidade de aliar “arte popular” e “arte das elites”.

Em sua atuação tanto como educadora como em curadorias, Ana Mae tem se dedicado na ampliação de um repertório de manifestações artísticas que considera diferentes heranças culturais, o que denomina de “cultura visual do povo”.

Como detalhado por GUIMARÃES (2018), Ana Mae propõe três caminhos para entendermos o vasto campo da cultura visual do povo: 1 - arte do povo; 2 - arte das minorias; 3 - estética das massas:

1 - Arte do povo: é assim reconhecida pelos críticos como a arte dos produtores e produtoras que vêm das classes trabalhadoras e que se reconhecem como artistas.

Nesta modalidade, observa-se uma espécie de reconhecimento, quando se percebe que há a existência de um campo de arte popular onde o artista que a faz se reconhece como artista, e esses reconhecimentos resultam em estudos, análises, exposições nacionais e internacionais, formação de acervos e coleções, criação de espaços como museus e galerias e também os circuitos de visibilidade tais como: feiras, mostras, bienais, etc. (GUIMARÃES, 2015). O que se observa é que essa produção acaba entrando nos mesmos circuitos da chamada arte erudita, “quicá periféricos, mas tão importantes quanto essa primeira” (GUIMARÃES, 2018).

A exemplo desse primeiro caminho proposto por Ana Mae, podemos citar a expressão artística de Dona Irinéia. Do povoado Muquém, localizado no município de União dos Palmares, Zona da Mata alagoana, a Mestra artesã do Patrimônio Vivo

de Alagoas desde o ano de 2005, Dona Irinéia Rosa Nunes da Silva é considerada uma das maiores ceramistas do estado.

Iniciou o ofício modelando painéis de barro com sua mãe, ainda na juventude, aos 20 anos de idade, para ajudar no sustento da família. Um pouco mais tarde, começou a produzir peças para os fiéis que pagavam promessas em Juazeiro, no Ceará, o que a ajudou a usar da imaginação e criatividade para desenvolver peças que hoje são reconhecidas e apreciadas nacional e internacionalmente.

Com processo de fabricação totalmente artesanal, desde a retirada do barro, moldagem, a queima e o aspecto natural da peça sem nenhum tipo de acabamento com pinturas, o trabalho de Dona Irinéia passou a ser familiar, tendo a ajuda de seu marido, Toinho (enquanto em vida) e de seus 11 filhos.

A expressão artística bastante característica de Dona Irinéia a levou a ser finalista do Prêmio Unesco do Artesanato da América Latina e Caribe, em 2004, e em 2015, suas esculturas foram levadas para a Itália, a convite da Expo Milão. Além destes dois importantes reconhecimentos, em 2013, a artesã também virou personagem de livro e tem suas obras espalhadas pelo Brasil e mundo afora.

Em 2018, o reconhecimento da Mestre artesã se materializou mais uma vez com criação do Espaço de Memória Artesã Irinéia Rosa, museu de arte popular do Muquém, em União dos Palmares, que leva o nome da artista em homenagem pelos seus mais de 40 anos de dedicação ao ofício da arte com barro.



Figura 6. À esquerda, no povoado do Muquém (localizado no município de União dos Palmares, Zona da Mata alagoana), Dona Irinéia modela suas peças de barro, 2017. Fonte: <http://www.agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/15290-de-uniao-dos-palmares-o-mundo-de-barro-da-artesa-dona-irineia>.

Figura 7. À direita, a Mestra do Patrimônio Vivo de Alagoas na inauguração do Espaço de Memória Artesã Irineia Rosa, museu de arte popular em União dos Palmares, que leva o seu nome em sua homenagem, pelos mais de 40 anos de ofício. 2018. Fonte: <http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/24800-espaco-de-memoria-artesa-irineia-rosa-e-inaugurado-na-regiao-quilombola>.

2 - Arte das minorias e estética do povo ou cultura visual do povo: aplica-se ao produto que tem alta qualidade estética, mas não é codificado como arte pela cultura dominante e os/as criadores/as não se consideram artistas. (ex: os trabalhos das confeitadeiras de bolos e doces, quando criativas).

Na “Cultura das minorias” ou “cultura visual do povo”, observa-se uma conexão mais evidente com o Design e com a estética - e demandas - do cotidiano doméstico ou de trabalho. Nesta modalidade, a estética é observada e apreciada nas criações, ainda que os criadores não se denominam ou reconheçam como artistas. Porém, esse reconhecimento pode vir a acontecer, como é o caso de muitos artesãos e designers.

Como é o caso da Vanessa Teixeira (29 anos), amiga da autora desta pesquisa, que iniciou sua confeitaria em 2016, como uma atividade secundária. Aos poucos, Vanessa foi se especializando nas técnicas e tendências do nicho e atualmente a Açúcar Mascavo Doces Personalizados é a sua principal fonte de trabalho e renda.

Os doces são personalizados com temas variados e o acabamento é executado com tanta técnica que se assemelham à mini esculturas de arte.



Figura 8. Vanessa Teixeira, 29 anos. CEO e doceira da Açúcar Mascavo Doces Personalizados. Fonte: Autora.

Figura 9. e 10. Doces personalizados Açúcar Mascavo. Fonte: Autora.

3 - Estética das massas: quando é relacionada com valores visuais dos grandes mitos, ritos e das manifestações populares que podem ter origem religiosa, cívicas, misturar as dimensões sagradas e profanas, mas, caracterizam-se como ocasiões onde se tem a dimensão da performance do espetáculo. Neste, temos o caráter de imersão daqueles que fazem parte diretamente da construção e apresentação dos eventos, como também o caráter de outro tipo de participação, que é observador, que pode ser convocado a ter uma interação visual/corporal (GUIMARÃES 2018). Nesta vertente da “estética das massas” cabe o exemplo de Dona Lourdes e o Boi Trovão.

Moradora do conjunto Virgem dos Pobres, no bairro do Trapiche da Barra, em Maceió, Lourdes de Lima Arcanjo acompanhou desde criança as manifestações e festas populares de bairros. No ano de 2008, com a ajuda de seus netos, fundou o Bumba-meu-boi Trovão, que hoje tem em torno de 40 componentes e uma sede na comunidade Virgem dos Pobres 2, no Trapiche da Barra.

Apesar das dificuldades encontradas com a falta de incentivo financeiro e a marginalização por parte do poder público e da sociedade, a sede do Trovão atua na comunidade com resistência cultural, com o intuito de atrair os jovens para aprenderem o ofício do Boi e se envolverem com a cultura, como uma alternativa de escaparem da vulnerabilidade à violência e demais problemáticas enfrentados por comunidades periféricas.

Dona Lourdes, aos 75 anos de idade, é a única mulher a liderar um grupo de Bumba-meu-boi em Alagoas e, com este importante legado, em 2018 foi homenageada durante o evento “Agosto da Cultura Popular”, pelo seu reconhecido serviço prestado à comunidade e à cultura alagoana.

O Bumba-meu boi é uma manifestação popular bastante tradicional em Maceió. A estética tecida nos caprichos nas fantasias, na ornamentação do Boi e nas performances cada vez mais incrementadas e espetaculosas, são quesitos que fazem deste folguedo uma tradição que revela a admiração de quem assiste às apresentações, a paixão de quem a faz acontecer e o entusiasmo pelas competições entre os Bois da cidade.

O Boi Trovão é um dos mais importantes e prestigiados de Maceió e está sempre presente no circuito dos eventos e campeonatos de Bumba-meu-boi de Alagoas.



Figura 11. Bumba-meu-boi Trovão em concurso municipal de Bois de Maceió, 2018. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=vGNX9blg09k>

Figura 12. À direita, Dona Lourdes de Lima Arcanjo, coordenadora do Bumba-meu-boi Trovão recebendo homenagem durante o Agosto da Cultura Popular, 2018. Fonte: <https://coletivoafrocaete.blogspot.com/2018/09/uma-justa-homenagem-para-dona-lourdes.html>

Nas três perspectivas trazidas, a autora observa a dimensão do caráter pragmático e do caráter estético e diz que:

O canal de realização estética é inerente à natureza humana e não conhece diferenças sociais. Pesquisadores já mostraram que o ser humano busca solução de problemas através de dois comportamentos básicos: o pragmático e o estético, isto é, buscam soluções que sejam mais práticas, mais fáceis, mais exequíveis, porém, ao mesmo tempo, mais agradáveis, que lhe deem maior prazer. (BARBOSA, 2014, p. 34-35).

Sobre esta constatação de Ana Mae Barbosa, é possível correlacionar estas duas dimensões com a missão do Design em seu caráter mediador entre a compreensão da necessidade de solucionar problemas cotidianos de maneira prática, se valendo de aspectos estéticos que garantam o prazer e sensação de bem estar aos usuários. Dessa forma, para atender à estética e ao pragmatismo, é perceptível a importante contribuição mútua entre as artes visuais e o design, quando cruzados entre os diferentes aspectos da cultura visual do povo.

Logo, podemos afirmar que a arte está presente no cotidiano e não apenas nas obras de arte. E, citando a pesquisadora em ensino de arte, estética do cotidiano, multiculturalismo e interdisciplinaridade, Ivone Richter (2000), podemos

dizer que “é preciso pensar que a arte é uma necessidade primeira do ser humano, e como tal, presente desde sempre na humanidade, expressa por uma infinidade de manifestações, mas sempre presente” (RICHTER, 2000, p. 122).

3 A INVISIBILIDADE FEMININA NA HISTÓRIA DA ARTE

A historiadora de arte Linda Nochlin, através do seu artigo *Why have there been no great women artists?* - ou no português: “Por que não houve grandes mulheres artistas?”- publicado na revista *Art News* no ano de 1971, expõe as barreiras impostas pela sociedade, que impediram que mulheres artistas conseguissem seguir pelos caminhos das artes e, para aquelas que conseguiram, que não tivessem lugar de destaque como grandes nomes masculinos tiveram.

não existiram grandes mulheres artistas porque não existiram as condições sociais, políticas, culturais e intelectuais para que existissem. O que era surpreendente era – apesar de tudo – que existissem tantas e tão boas. (NOCHLIN, Linda. *Por que não houve grandes mulheres artistas?*. São Paulo: Edições Aurora, 2016.)

O artigo de Nochlin (2016) sugere uma pergunta que ainda ecoa: Por que não houve grandes artistas mulheres na história da arte? Assim como a autora coloca no trecho acima citado, sabemos que sim, existiram, mas foram silenciadas e invisibilizadas por uma série de questões que perpassam pelo machismo, pelo patriarcado, pelos costumes tradicionalistas que demoraram décadas para serem modificados, quebrados e ainda hoje, em 2021, nos deparamos com muitos deles bem latentes na sociedade.

"A relação entre as mulheres e a criação artística na cultura ocidental se baseia na “hipervisibilidade” da mulher como **objeto** da representação e sua invisibilidade persistente como **sujeito** criador” (Loponte, 2017, p.2).

Sobre este tema, a autora Luciana Gruppelli Loponte afirma que a figura da mulher sempre foi muito visível quando na condição de ser retratada em obras - e mais recentemente nas publicidades nos veículos de massa também - mas, ainda assim, invisível enquanto artista e autora.

A pergunta de Nochlin (2016) ainda ecoa: “Por que não houve grandes mulheres artistas?”. Discussões dentro do próprio artigo de Nochlin levam ao entendimento de que a responsabilidade é também dos curadores e diretores de museus e galerias que possivelmente desconheciam ou julgavam menos relevantes

os trabalhos das artistas, portanto, não as davam as devidas oportunidades de exposição. Outro tocante é que, historicamente, a mulher sempre foi vista em um papel social de mãe e “dona de casa”, com muitos afazeres domésticos e, proporcionalmente, com menos tempo, oportunidades e acesso à educação e cultura, condição esta que as colocou cada vez mais aprisionadas no lugar de subserviência aos homens.

Nos estudos de Souza e Nogueira (2017), segundo os quais a invisibilidade feminina não é uma questão nova no campo da arte, ela tem história, genealogia e processos de luta, de redefinição e de afirmação de **poderes**. E é em relação aos jogos de poder, desta vez relacionados ao que se denomina patriarcado, que Morgante e Nader (2014) trazem à tona a discussão das feministas radicais, que consideram que a opressão feminina se deve ao sistema patriarcal, que permite visualizar que a dominação não está presente somente na esfera familiar, tampouco apenas no âmbito trabalhista, mas na mídia e na política. O patriarcalismo “*compõe a dinâmica social como um todo, estando inclusive, inculcado no inconsciente de homens e mulheres individualmente e no coletivo enquanto categorias sociais*” (Morgante e Nader, 2014, p. 3 apud Gomes e Duarte, 2018)

Gomes e Duarte, em seu artigo, observam que a maioria das artistas que conseguiram levar o seu trabalho e sua expressão artística a lugares de reconhecimento, conseguiram somente *in memoriam* (após sua morte). As pesquisadoras citam o caso de Camille Claudel (1864-1943), que era assistente do escultor francês Auguste Rodin, e que morreu sem o devido reconhecimento artístico, apesar de seu trabalho ser tão importante quanto o de seu mestre. A obra de Camille só veio a ter reconhecimento décadas após a sua morte.

Outro grande exemplo é o da artista mexicana Frida Kahlo (1907-1954) que, como poucos sabem, viveu grande parte de sua vida escondida na sombra de seu companheiro, o pintor Diego Rivera (1886-1957). Após a sua morte, Frida ficou conhecida por suas pinturas surrealistas autobiográficas, curiosamente relacionadas ao empoderamento feminino.

No Brasil, somente a partir de 1892 as mulheres começaram a ser aceitas na Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, nome que passou a designar a Academia Imperial de Belas Artes após a proclamação da República. As escolas

particulares de arte começaram a aceitar mulheres antes, mas cobravam um valor equivalente ao dobro daquele cobrado aos homens. (ARTEREF, 2021).



Figura 13. Aula de anatomia no Instituto de Artes da UFRGS em 1928, uma escola inspirada no modelo da Academia Imperial de Belas Artes. Fonte: ARTEREF.

Embora tenha sido tardia a aceitação de mulheres nas escolas de arte brasileiras e em meio às imensas dificuldades impostas pelas conjunturas históricas, econômicas e sociais, muitas artistas brasileiras conseguiram brigar por seu espaço e obtiveram destaque na arte. Com o evento da Semana de Arte Moderna de 1922, que determinou o ponto alto do Modernismo no Brasil, algumas destas artistas começaram a ganhar mais destaque na cena artística nacional e fora do país também. Anita Malfatti (1889-1964), Zina Aita (1900-1968), Tarsila do Amaral (1886-1973), Lygia Pape (1927-2004), entre tantos outros nomes que poderíamos citar.



Figura 14. Artista Anita Malfatti, [s.d]. Fonte: Toda Matéria.

Figura 15. Obra "A Estudante" de Anita Malfatti [s.d]. Fonte: Itaú Cultural



Figura 16. Artista Zina Aita, [s.d]. Fonte: Catálogo das Artes

Figura 17. Obra s/t de Zina Aita, [s.d]. Fonte: Catálogo das Artes



Figura 18. Artista Tarsila do Amaral, [s.d]. Fonte: Obvious.

Figura 19. Obra "Operários" de Tarsila do Amaral, 1933. Fonte: Cultura Genial.

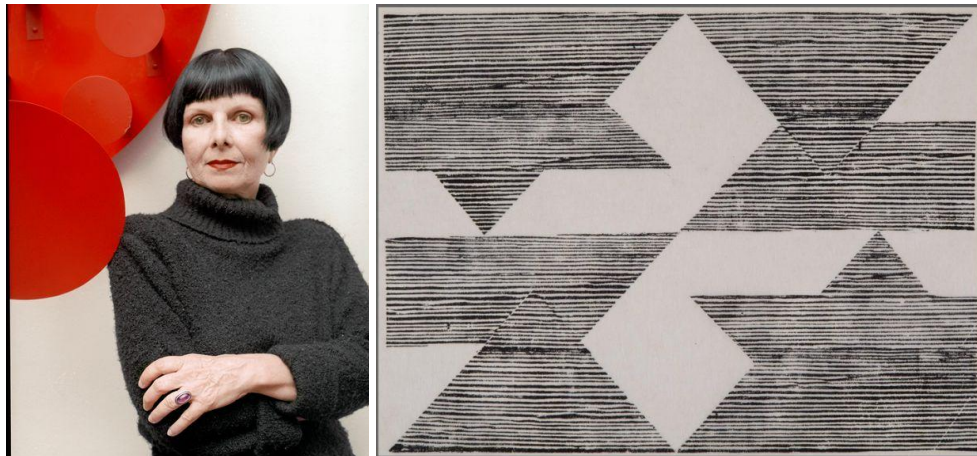


Figura 20. Artista Lygia Pape, [s.d]. Fonte: Hauser & Wirth

Figura 21. Obra “Tecelar” de Lygia Pape, 1957. Fonte: LygiaPape.com

Porém, ainda assim, os números continuam a evidenciar a desigualdade de gênero dentro do campo artístico contemporâneo. Um texto publicado pelo pesquisador de coleção Danilo Satou, no *blog* institucional do Centro Cultural São Paulo (CCSP), referente à pesquisa do acervo que desenvolve em conjunto com a também pesquisadora da coleção Vera Maria Porto de Toledo Piza, chama atenção quando afirma que a Coleção de Arte da Cidade do CCSP - acervo que reúne cerca de 2.900 obras - a quantidade de artistas mulheres correspondem a 424 nomes, enquanto os artistas homens somam 1.038. O mesmo estudo aponta que esta desigualdade de números se repete pelos acervos de arte das grandes instituições mundo afora.

A luta pela representatividade feminina nas artes visuais é a pauta motivadora para o coletivo americano feminista *Guerilla Girls*. Reconhecidas por usarem máscaras de gorila, o coletivo transformou a luta por um cenário artístico com equidade entre homens e mulheres em arte de protesto tão potentes que suas intervenções expandiram por muitas cidades e países e ao longo de seus mais de 32 anos de trajetória, passaram por ele mais de 55 participantes.



Figura 22. Coletivo Guerrilla Girls usando máscaras de gorila, em Nova York, 1985. Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>.

O grupo anônimo iniciou com 7 mulheres, nos Estados Unidos por volta de 1984, quando protestaram contra uma exposição de arte realizada no Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York. A exposição intitulada “*An international survey of recent painting and sculpture*” que objetivou reunir os nomes mais importantes daquela década e apresentou um total de 163 artistas escolhidos pela curadoria, dentre os quais apenas 13 eram mulheres. A partir da indignação causada por esta desigualdade de gênero na exposição do MoMa, as atividades do grupo foram iniciadas, espalhando cartazes de protesto por vários lugares, evidenciando a sua luta contra o machismo e o sexismo no mundo da arte. Um dos cartazes de protesto do coletivo traz a frase: “As mulheres precisam estar nuas para entrarem no Metropolitan Museum? 5% das artistas na seção de arte moderna são mulheres, mas 85% da nudez nas obras é feminina”.

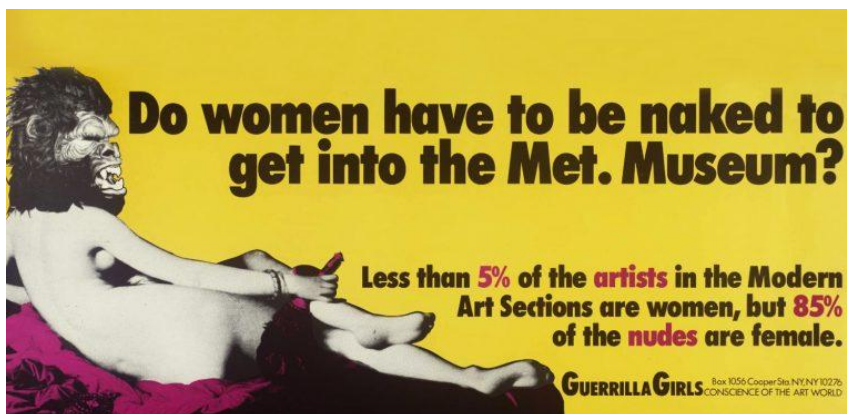


Figura 23. Cartaz em protesto ao Metropolitan Museum, 1989. Fonte: <https://revistacult.uol.com.br/home/guerrilla-girls-no-brasil-masp/>.

Em 2017, o coletivo realizou uma exposição no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), onde apresentou questionamentos acerca da situação da mulher artista em um mundo e uma história da arte dominados pelos homens, e trouxeram o mesmo cartaz com os dados atualizados, referente ao MASP.



Figura 24. Cartaz com dados do acervo do MASP, para exposição realizada em 2017. Fonte: <https://www.ufrgs.br/artevera/guerrilla-girls-a-igualdade-de-genero-no-universo-da-arte/>.

Estes números levantam também um outro questionamento importante acerca da representação do corpo feminino em relação ao corpo masculino. Na Coleção de Arte da Cidade do CCSP, por exemplo, das 117 obras que representam corpos nus, 79 são femininos. No MASP, apenas 6% dos artistas do acervo em exposição são mulheres, ao passo que 60% da representação dos nus são femininos.

Trazendo a problemática para a realidade brasileira e alagoana, a disparidade de números não chega a ser tão alarmante. Ainda assim, os números indicam que a representatividade feminina se encontra em minoria. A Pinacoteca Universitária - museu de artes visuais da UFAL, equipamento cultural da Universidade Federal de Alagoas e importante instituição artística para o estado, registra, desde a primeira exposição em 1981 até a última ocorrida em 2019, a realização de um total de 173 exposições de arte - entre as coletivas e individuais - e dentre os mais de 232 artistas participantes, (sem considerar os coletivos e grupos artísticos), a maioria foram homens, totalizando o número aproximado de 134, enquanto o total de mulheres foi de aproximadamente 99 artistas. Registra ainda que dentre as 196 obras, de 105 artistas que se encontram sob a guarda da instituição, observam-se 60 artistas homens e 45 mulheres que, respectivamente, assinam 117 e 79 obras.

Conforme apurado, estima-se que o cenário das exposições na instituição mudou desde a criação do edital, que passou a estabelecer o processo seletivo de maneira que as exposições passaram a ser selecionadas para a pauta anual da instituição baseadas estritamente em critérios técnicos. Portanto, percebeu-se neste momento o aumento da participação de artistas mulheres realizando exposições individuais nos salões da instituição.

Vale mencionar rapidamente que a maneira tradicionalista regada ao machismo e a desigualdade social que se deu na formação da estrutura socioeconômica de Alagoas é bastante “responsável” pelo que se observou por muitos anos na cena artística local: protagonismo masculino e favorecimento social.

No entanto, no próximo tópico abordaremos a representatividade feminina na cena artística contemporânea alagoana, através daquelas que tiveram o privilégio de alcançar lugares de visibilidade artística e o quanto o fazer artístico destas mulheres contribuiu e influenciou na construção do panorama visual de Alagoas.

3.1 ENTENDENDO A FIGURA FEMININA NA CENA ARTÍSTICA ALAGOANA

Em Alagoas, o primeiro registro que se tem de uma mulher artista que conseguiu exercer o ofício e ser reconhecida como tal, foi Míriam Falcão Lima. Filha de José Fernandes de Barros (governador entre 1918 a 1924), bem próximo do final do século XIX, em 1892, nasce no Engenho Ilha Bela, em Passo do Camaragibe, quem mais tarde se tornaria a primeira mulher alagoana a receber projeção como pintora. Em Passo do Camaragibe, estudou em escola pública, e em seguida no Colégio Sacramento, em Maceió. (CAMPOS, 2000.)

Em um campo restrito às mulheres daquela época, Miriam conquista espaço e participa de aulas de pintura e desenho e, considerando a tardia inserção das mulheres no campo das artes, sua atitude foi considerada uma ruptura com os padrões de comportamento das mulheres alagoanas da sua época.

Em 1915, foi nomeada professora de Desenho na Escola Normal, na vaga deixada pelo falecimento do conceituado pintor alagoano Rosalvo Ribeiro. Participou, em 1933, da I Feira de Amostras de Alagoas, onde expôs 80 pinturas com temáticas regionais, e no ano seguinte fundou a Escola de Belas Artes em Maceió.

No ano de 1935, participou do XI Salão Nacional de Belas Artes, e também expôs naquele mesmo ano no Liceu de Artes e Ofícios, no Rio de Janeiro. Expôs também em São Paulo e fora do país, no Uruguai.

Miriam Lima foi integrante da Diretoria da Federação Alagoana pelo Progresso Feminino (FAPF), fundada em 13 de maio de 1932, em uma cerimônia solene no Salão Nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL). Nesta sessão, outras quatro importantes personalidades femininas alagoanas estiveram presentes e protagonizaram a cerimônia juntas. Eram elas Lilly Lages, eleita presidenta da organização, Noêmia Lício como presidenta de honra, Francisquinha Acioly, como vice-presidenta e Linda Mascarenhas como primeira secretária. (ROSA e SILVA, Enaura Quixabeira. 2007).

A artista participou também do movimento que marcou a ressignificação dos padrões estéticos no Brasil, a Semana de Arte Moderna de 22, no Teatro Municipal de São Paulo.

Morreu na cidade de Recife, no ano de 1945, deixando um importante legado para as artes visuais de Alagoas e, principalmente para todas as mulheres artistas que vieram depois dela e puderam alcançar lugares na arte, graças aos caminhos que Miriam abriu. Sobre a importante figura de Miriam Lima, Campos (2000) não hesita em citar que “Miriam Lima faz parte, guardadas as devidas proporções, do agrupamento de personalidades artísticas femininas de destaque nas décadas de 10 a 40, entre elas Anita Malfatti e Tarsila do Amaral”.



Figura 25. Artista Miriam Lima, [s.d.].Fonte: História de Alagoas.

Figura 26. I Feira de Amostras de Alagoas, 1933. Fonte: <https://issuu.com/alagoas200anos>

O estudo da professora de Celia Campos é considerado uma das mais importantes referenciais teóricas acerca da crítica e da trajetória da pintura de Alagoas e, sobre esta consideração, seu trabalho foi balizador fundamental para a compreensão dos primeiros passos da capital alagoana e seus primeiros indícios de movimentações artísticas e culturais de modo geral.

A autora evidencia que a formação socioeconômica de Alagoas foi caracterizada por aspectos decisivos para o que mais tarde definiria o panorama cultural da região: a descontinuidade que a monocultura açucareira sofreu com a mudança do cenário latifundiário dos engenhos para a tecnologia das usinas, somados à difícil aceitação da Abolição por parte da alta sociedade alagoana, que praticamente a ignorou e negou, inclusive dando péssimas condições sociais e de trabalho para os ex-escravos. Contudo, esses acontecimentos geraram um movimento de ruptura importante para a formação social urbana representada pelo desenvolvimento, ainda que lento, da cidade de Maceió.

Nota-se neste momento também a formação dos referenciais artísticos da sociedade alagoana que, através da arte, passa a representar os valores materiais e morais que a caracteriza. Observa-se que estas características atribuem à expressão artística alagoana a necessidade de buscar representações simbólicas da sua realidade, suas inclinações, seus interesses e seus objetivos. Por muito tempo, a predileção pelas representações artísticas clássicas, tradicionais e eruditas eram predominantemente notáveis na sociedade alagoana, que se recusava a receber e aceitar as novas manifestações artísticas que já começavam a acontecer nos centros urbanos da época. Neste momento começam, então, a surgir os primeiros pintores alagoanos, "articuladores da relação entre a estrutura social e sua representação plástica". (CAMPOS, 2000.)

Ao longo dos anos, a região alagoana foi berço para alguns nomes de artistas que tiveram uma carreira bem sucedida nas artes, com exposições fora da região e dando aulas em escolas de arte, nomes como Rosalvo Ribeiro, Lourenço Peixoto, José Paulino, Miguel Torres, entre outros, foram os precursores que difundiram a arte na região.

Porém, somente depois de longos anos após o surgimento de Miriam Lima, primeira artista mulher alagoana a ganhar projeção, em Alagoas surge, então, com força de representatividade, Maria Tereza Vieira, deixando o ano de 1949 marcado por seu surgimento. Aluna de Miguel Torres e Lourenço Peixoto, Maria Tereza Vieira

realizou naquela mesma época a sua primeira exposição individual e ganhou, como incentivo da prefeitura de Maceió, uma bolsa de estudos na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Indo para estudar, lá permaneceu trabalhando com arte e ensinando seu ofício. Toda a vida artística de Maria Tereza acontece no Rio de Janeiro, inclusive, participando também de exposições no exterior. Pelo seu ateliê, passou também sua sobrinha Maria Amélia Vieira, que se tornaria mais tarde uma das personalidades mais importantes da arte contemporânea alagoana, da qual falaremos com mais detalhes e destaque no próximo capítulo.

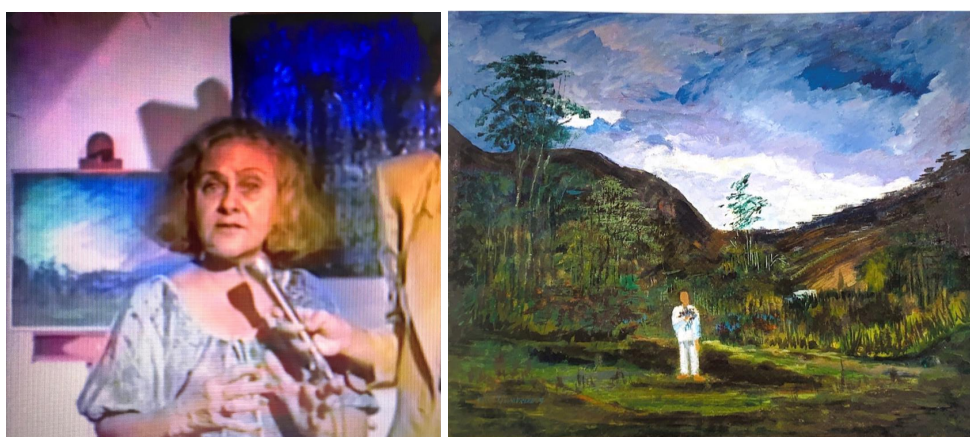


Figura 27. Frames de entrevista com a artista Maria Tereza Vieira à TV carioca, 1989. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=X6z7iX1-PCY>

Figura 28. Obra s/t da artista Maria Tereza Vieira, 1982. Fonte: Catálogo Pinacoteca Universitária da UFAL.

Ao longo das décadas, novos artistas foram surgindo, grupos se formaram e fizeram imersões em escola de arte contemporânea - principalmente no Parque Lage, no Rio de Janeiro, RJ - e retornaram para a capital alagoana com muitas novidades técnicas e materiais alternativos, trazidos das profundas trocas com artistas de outros lugares e das experiências com o ensino contemporâneo e o abstracionismo. Desse modo, os acontecimentos culturais começaram a moldar a estética alagoana, que passou a dar lugar para o surgimento de novas galerias de arte e novas exposições coletivas e individuais, assim como também era muito característico acontecer em lojas de móveis e decoração, como por exemplo a loja Sucata Decorações que abrigou algumas exposições de artes.

Neste cenário que se formava de maneira notável, muitas mulheres conquistaram lugar de visibilidade e mostraram a potência de sua arte não só com

suas representações que caracterizam a composição da cultura visual alagoana, mas também como alternativa criativa para ações e atividades que utilizam a arte como ferramenta social, como por exemplo iremos destacar a seguir na atuação da artista **Eva Le Campion** trabalhando com jovens e família em situação de vulnerabilidade, em comunidades carentes da região; **Rosa Maria Piatti**, que soube usar as referências que a cercavam desde criança, para criar um universo de possibilidades artísticas através das mais variadas expressões, se aventurando pela moda, pela produção de cerâmica, objetos e utensílios que através das cores, formas e texturas, carregam sua identidade ímpar em cada peça; **Jeanine Toledo**, que através de sua expressão que retrata o corpo humano em variadas perspectivas, propõe questionamentos sobre a representatividade feminina na história da arte, assim como também acerca da própria existência humana; **Maria Amélia Vieira**, considerada “a guardiã da cultura popular”, além de ser uma das artistas alagoanas com o maior número de exposições realizadas, desempenha um importante papel com sua galeria de arte, a Karandash, estabelecendo um diálogo contínuo entre a arte contemporânea e o popular, contribuindo para que estas duas modalidades de arte, assim como os seus autores e autoras ocupem os mesmo lugares e espaços; E por fim, mas não menos importante, **Hilda Moura**, com sua carreira artística “recente”, quando comparada às demais, possui um modo particular de comunicar o feminino através de ludicidade, figuras e formas singelas que conseguem expressar a mais profunda sensibilidade que existe na potência de seu trabalho.

Estas 5 mulheres foram escolhidas pela sua importância artística para a cultura visual alagoana, e também pelas relações afetivas que foram estabelecidas entre a autora deste trabalho e as obras e expressões destas artistas, tendo, cada uma delas, um papel de singular importância em seu imaginário.

4 ARTE CONTEMPORÂNEA ALAGOANA, ATRAVÉS DA EXPRESSÃO ARTÍSTICA FEMININA: 5 MULHERES NOTÁVEIS

4.1 EVA LE CAMPION: Artes visuais e trabalho social



Figura 29. Painel visual da artista Eva Le Campion, 2021. Fonte: Autora

Nascida na capital alagoana em 16 de abril de 1960, filha de Edmond Le Campion e Maria José Chalita, Eva Cristina Le Campion - conhecida artisticamente por Eva Le Campion - conviveu em contato com as artes desde muito cedo, devido a veia artística de sua família. A mãe de Eva, Maria José Chalita, era artista plástica e seu tio era o famoso pintor Pierre Chalita, um dos mais importantes nomes da história da arte visual alagoana.

Em 1979, Eva frequentou cursos de desenho e pintura no ateliê da Fundação Pierre Chalita, e em 1980 formou-se em Letras pela Universidade Federal de Alagoas. Dentre as especializações, Eva cursou língua inglesa na Bonners Ferry High School, nos Estados Unidos, e língua francesa na Universidade de Lyon II, na França e em 1986 cursou História da Arte III, na PUC no Rio de Janeiro.

Segundo relata o livro “Dicionário Mulheres de Alagoas: Ontem e Hoje”, a trajetória de Eva em exposições de arte iniciou ainda no ano de 1979, quando participou da sua primeira exposição coletiva, no Cabanga late Clube, em Recife. No ano seguinte, em 1980, participou também de uma exposição no Salão Oficial de

Artes, no Museu de Arte Contemporânea, também em Pernambuco. Em 1981, integrou uma mostra coletiva na Galeria Línea, em Maceió e, alguns anos depois, em 1985 fez sua primeira exposição individual na Sucata Decorações, também em Maceió.

No ano de 1987, Eva ensinou desenho na Fundação Pierre Chalita, mesmo lugar onde também estudou este mesmo curso, e no ano seguinte, em 1988, estudou na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro.

Desde muito jovem, trabalhou como voluntária em diversos projetos sociais, na tentativa de, através da arte, ajudar famílias, jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e expostos aos altos riscos de criminalidade, drogas, violência e prostituição.

Em 1999, iniciou um projeto junto à Cruz Vermelha de Maceió, que atendia crianças e adolescentes em comunidades periféricas, onde, através da realização de oficinas de olaria, ensinou a fazer peças em cerâmica e também tecelagem.

Desta experiência, muitos trabalhos foram gerados e levados às exposições. Um deles é a obra “Labirinto”, apresentada na mostra “Olhar Alagoas”, na Pinacoteca Universitária, em 1999. A concepção desta obra, que atualmente faz parte do acervo da Pinacoteca, foi desenvolvida a partir de um misto de sentimentos, experiências e referências da artista.



Figura 30. Obra “Labirinto” da artista Eva Le Campion, 1999. Fonte: Acervo da Pinacoteca Universitária da UFAL.

Em uma entrevista concedida à Pinacoteca, em 2019, Eva contou um pouco sobre este processo criativo e disse que “este trabalho vem de uma leitura da sua vida como assistente social, onde trabalhou durante 15 anos na cruz vermelha brasileira” (LE CAMPION, 2019).

Eva conta que o suporte (manta de tecido) veio do projeto de tecelagem artesanal que montou na Cruz Vermelha.

“Temos cerca de cinco grandes indústrias têxteis em Maceió. Em nossa economia de raiz, tínhamos todo o vale do São Francisco plantado de algodão. Éramos um pólo têxtil muito desenvolvido e competitivo. (...) Carabeiras, fica depois de Pariconha, vive da tecelagem artesanal. Você passa pelas ruas e ouve o barulho dos teares funcionando em cada casa. Então, eu me encantei por esse fazer e eu pensei que isto poderia ser introduzido nas comunidades de baixa renda, para fazer jornada ampliada, convidar os pais, as famílias carentes e introduzir isso em Maceió, esta foi minha idéia.” (LE CAMPION, Eva. Entrevista concedida à Pinacoteca Universitária da UFAL, 2019.)

A artista segue narrando o quão difícil foi conseguir implantar o projeto, pois precisava de maquinário, recursos financeiros e humanos. Até que, dois anos depois, conseguiu e, então, iniciou o projeto de tecelagem nas comunidades.

“Eram adolescentes na faixa etária entre 14 e 17 anos. Eles chegavam da escola por volta de meio-dia, tomavam banho, iam para o refeitório e descansavam para depois começar a tecelagem. O projeto teve a durabilidade de cinco anos.” (LE CAMPION, Eva. Entrevista concedida à Pinacoteca Universitária da UFAL, 2019.)

As oficinas resultaram na produção de muitas peças, como mantas, redes, tapetes, jogos de mesa, que tentavam vender na Feirinha do Artesanato. Daí que veio o suporte para a obra “Labirinto”. Foi utilizada uma das mantas produzidas pelos jovens nessas oficinas de tecelagem, que a artista levou para casa “angustiada e triste, pelo fim do projeto” (LE CAMPION, 2019). Eva conta que, após um contato com a obra do artista plástico Arthur Bispo do Rosário, intitulou sua obra de Labirinto, em alusão ao livro da autora Luciana Hidalgo, que conta a história do artista sergipano.

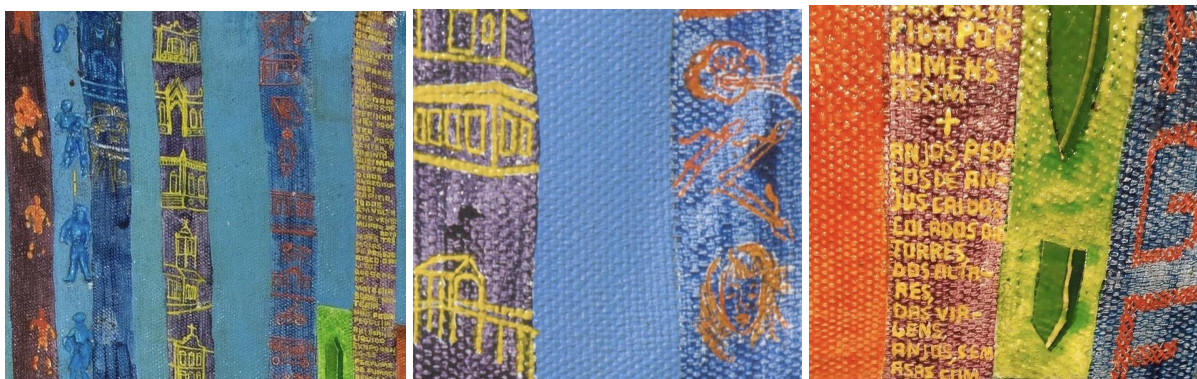
“Esta manta que você vê foi tecida por esses adolescentes, pelas mãos e cabeças deles, eu só entrei com a necessidade de significar mais ainda, com a pintura e o desenho. Veja que ao lado do centro tem esse labirinto, tem os talheres, com uma mesa posta, como numa ceia larga e na lateral você tem os soldadinhos, representados pelos bonecos colados e desenhos que foram deixados. Soldadinhos porque a predominância dos adolescentes da cruz vermelha era de adolescentes do sexo masculino. E são a representação de dois pontos de vista: da brincadeira de criança (de meninos que brincam com armas) e da repressão da sociedade com o adolescente fragilizado pela falta de políticas públicas.(...) O labirinto, em homenagem ao Bispo. O fio azul porque os lençóis da colônia Juliano Moreira (onde ele viveu bastante tempo) eram azuis e ele desfiava esses lençóis e criava novelos e depois ele ia cobrindo os objetos que ele trabalhava na carpintaria. Ele esculpia e recriava todo um universo ao redor dele.” (LE CAMPION, Eva. Entrevista concedida à Pinacoteca Universitária da UFAL, 2019.)

Sobre a relação do processo criativo desta obra com o sentimento de desapontamento e tristeza, por precisar finalizar este trabalho que lhe era tão caro, Eva parafraseia o trecho de um poema que pintou na obra, que faz alusão à técnica de Bispo do Rosário, e diz que “queria cobrir as pedras com 100% algodão”, explicando o quanto era difícil manter aquele projeto, conseguir os alimentos e todo o trabalho que dele demandava.



Figuras 31, 32 e 33. Bispo do Rosário e sua arte, [s.d.]. Fonte:
<http://www.nasentrelinhas.com.br>

A artista conta que a cor azul predominante na obra também é uma referência ao Bispo do Rosário, e o colorido faz referência ao folclore, à terra alagoana e ao sol.



Figuras 34, 35 e 36. Detalhes da obra “Labirinto”, 2019. Fonte: Pinacoteca Universitária da UFAL.

No ano de 2001, em celebração aos 40 anos da Universidade Federal de Alagoas, a artista foi convidada para abrir a pauta anual da Pinacoteca Universitária da Ufal, com a exposição individual “Barro Oco”, composta também por obras que resultaram dos trabalhos feitos em conjunto com a Cruz Vermelha, nas comunidades.

O trabalho que desenvolve na Cruz Vermelha por meio de uma oficina-olaria, a coloca, dia a dia, com o cotidiano de crianças e jovens carentes (...) Surgem dessas mãos, feijões, calungas, letras e casulos. E ainda, calangos criados por Gilson, o jardineiro, calungas graúdas de Lúcia, a arrumadeira e miniaturas de seu Pintinho, o motorista. Um punhado de barro foi dado a cada um deles para fazer o que bem quisessem. O resultado se tornou, então, parte de alguns de seus projetos e, progressivamente, foram sendo incorporados aos trabalhos.(...) Eva constrói um modo particular de fazer arte, apontando uma outra saída para seu mundo real onde vive e trabalha - a inserção de outras mãos por sua mão. É aí que reside sua importância e atualidade - um novo significado, qualidade que o mundo da média não sabe ainda como lidar.” (MELO, Marta. Pinacoteca Universitária: na arte do século XXI)



Figura 37. Eva Le Campion interagindo com as crianças da Escola Estadual de Cegos Cyro Accioly, durante uma visita à sua exposição “Barro Oco”, comemorativa aos 40 anos da Universidade Federal de Alagoas, na Pinacoteca Universitária da UFAL, 2001. Fonte: <https://www.facebook.com/pinacotecaufal>

Figura 38. Fotografia da exposição Barro Oco [da série cocadinhas e feijões de barro], da artista Eva Le Campion, na Pinacoteca Universitária da UFAL, 2001. Fonte: LE CAMPION, Eva. Pinacoteca Universitária: na arte do século XXI)

Nos anos seguintes, Eva participou de algumas exposições e projetos sociais, onde se destacam o trabalho experimental, lúdico e sensorial com barro desenvolvido em 2010, na comunidade do Muquém, em União dos Palmares, no interior de Alagoas.

Após algum tempo afastada das exposições, 14 anos após a sua última exposição individual na Pinacoteca da UFAL, Eva voltou àqueles mesmos salões no ano de 2015, como artista convidada para encerrar a pauta anual de exposições daquele ano. Com 16 obras expostas, com diferentes tipologias e suportes, a mostra ocupou os dois salões da Pinacoteca e obteve sucesso de público na visita da exposição intitulada “Moira” - fazendo referência às moiras da mitologia grega, que eram responsáveis por tecer, determinar e cortar o fio da vida dos deuses e dos humano.



Figura 39. Artista Eva Le Campion na abertura da exposição “Moirá”, em novembro de 2015, na Pinacoteca Universitária da UFAL. Fonte: Blog Alagoas Boreal

Figura 40 e 41. Detalhe da obra Ceia Larga. Fotografia por Wesley Menegari, 2015. Fonte:

Figura 42. Vista da exposição “Moirá”. Fotografia por Ariane Sapucaia, 2015. Fonte:

<https://www.facebook.com/evalecampionarte>

Figura 43. Vista superior da obra Ceia Larga. Fotografia por Rafael Almeida, 2015. Fonte:

<https://www.facebook.com/evalecampionarte>

Através das obras, a exposição contou as inúmeras histórias que Eva testemunhou durante o trabalho filantrópico desenvolvido com adolescentes em situação de risco. Em entrevista concedida ao site Alagoas Boreal, a artista completa dizendo que “entre vida e morte, as histórias são tecidas em fios de tinta, do início, meio e fim, isto inclui a mim mesma”.

Em 2016, Eva recebeu o Prêmio Camões Luso Brasileiro 2015/2016 por sua trajetória de mais de 30 anos de carreira, pelos muitos trabalhos sociais realizados com famílias, crianças e adolescentes em situação de risco e pela exposição “Moira”, realizada na Pinacoteca da UFAL em dezembro de 2015.

Atualmente, com algo em torno de 40 anos de carreira artística, Eva Le Champion coleciona mais de 19 exposições de arte, entre individuais e coletivas, tendo participado de duas das exposições mais importantes da história da Pinacoteca Universitária da UFAL também - “Olhar Alagoas”, em 1999 e a sua remontagem comemorativa “20 anos da Exposição Olhar Alagoas - Arte Contemporânea na Pinacoteca da UFAL”, em 2019 na Galeria de Arte SESC Arapiraca. A expressão artística e o trabalho humanitário desenvolvidos pela artista durante anos em Alagoas, faz de Eva Le Champion, sem dúvida, uma das mais importantes e inspiradoras figuras femininas na arte contemporânea alagoana

4.2 HILDA MOURA: Arte e poética das dualidades



Figura 44. Painel visual da artista Hilda Moura, 2021. Fonte: Autora.

Diferente das demais artistas destacadas neste trabalho, que enveredaram pelos caminhos das artes muito cedo, Hilda Moura teve sua chegada um pouco mais tardia na vida artística, o que parece não ter sido um problema, visto que sua arte é proporcionalmente rica em técnica, expressão e muita sensibilidade.

Maceioense, formada em Serviço Social, Hilda iniciou algumas leituras sobre arte e fez algumas aulas de desenho, mas conta que não levava a prática tão a sério, apesar de sentir bastante interesse em ler e pesquisar sobre artistas impressionistas.

Por volta de 1990, iniciou sua prática artística com o manuseio de cerâmicas, o que a levou a se dedicar por 10 anos aos estudos desta técnica, e em seguida se voltou para a prática do desenho e da pintura, onde se mantém atualmente.

Hilda vê nos artistas Marc Chagall, Louise Bourgeois e Amadeo Modigliani as suas maiores referências na pintura. Em entrevista concedida ao *blog* Aqui Acolá, pontua:

"Os retratos femininos de Modigliani me impressionaram demais e muito do que eu faço hoje é reflexo dessa fase de estudos dos trabalhos dele. Já Chagall, traz muito do mundo das fábulas, com animais personificados.

Essa atmosfera de contos de fada também é uma referência muito grande e que eu adoro” (A arte poética de Hilda Moura. Aqui Acolá, [s.d]. Disponível em: <<https://aquiacola.net/2017/02/23/a-arte-silenciosa-de-hilda-moura/>> . Acesso em: 15 de jul de 2021)

Conhecendo a sua obra e a profundidade de significados que ela traz, é difícil acreditar que até pouco tempo atrás as obras de Hilda permaneciam escondidas em sua casa e seu ateliê. Ela conta que o processo de trazer o seu trabalho ao público se deve a também artista Karla Melanias que, segundo Hilda, foi a primeira pessoa a quem convidou para ver seu trabalho.

Sua primeira exposição ocorreu na Galeria de Arte do SESC, em Maceió, no ano de 2015. Intitulada “Hábito”, segundo constata a artista, a exposição lhe rendeu respostas muito positivas, o que marcou definitivamente o início de sua carreira artística. Com uma temática provocativa que envolvia o silêncio e o universo feminino, a exposição contou com 16 obras, em suportes de tela e papel, que apresentavam a contradição humana expressadas entre a força e a fragilidade em cada uma das obras. A mostra contou com a curadoria de Karla Melanias que, em entrevista concedida para o Sesc Alagoas sobre a mostra, disse que:

“Essa obra delimita uma fronteira invisível: vestir-se e despir-se. Há um espaço que trata de um tempo onírico. Entre o movimento sutil da vida e a prisão do que permanece sem movimento, aí vemos o vestido personificando o humano”. (MELANIAS, Karla. Exposição Hábito da artista Hilda Moura na Galeria Sesc Centro. Sesc Alagoas, 2015. Disponível em: <<https://www.sescalagoas.com.br/2015/05/exposicao-habito-da-artista-hilda-moura-aberta-a-visitacao-na-galeria-de-artes-sesc-centro/>>. Acesso em: 19 de julho de 2021)

Para Melanias, o que melhor definiu a exposição foi a expressão da dualidade e a construção de metáforas representadas pelos vestidos das obras, cujo significado simbólico apresenta um mundo encantador e, ao mesmo tempo, profundamente incômodo.

Seguramente, esta característica da dualidade entre o encantamento da ludicidade e as questões do sofrimento humano - principalmente feminino - é uma das características mais notáveis na arte de Hilda Moura.



Figuras 45, 46, 47, 48, 49 e 50. Obra S/ Título, Acrílica e óleo s/ papel, 2015. Fonte: <https://www.facebook.com/ateliehildamoura>

No ano de 2016, Hilda realizou a mostra “A lágrima das coisas”, na Pinacoteca Universitária da UFAL. Com 27 telas e 2 instalações que traduziam a profundidade da singeleza e o intimismo do universo infantil e feminino, a ideia da exposição nasceu do poema “Sestina” de Elizabeth Bishop, que conta a relação de uma criança com sua avó e a dificuldade de comunicação entre as duas. No poema, os objetos ganham vida, e estas sensações humanas sentidas por objetos inspiraram a artista a criar “A lágrima das coisas”. Além disso, este trabalho de Hilda abordou a relação da infância com a fase adulta, e esta característica esteve bastante evidente nas telas e ainda mais evidente nas instalações desta exposição. Em entrevista para o *blog* Aqui Acolá, a artista fala sobre as instalações: “na primeira instalação(...) ela representa um nascimento, um parto, com elementos da flora e da fauna. Uma coisa extremamente delicada e que ficou muito bonita”, já sobre a

segunda instalação, conta que “representa a infância e a sua dor, sua vulnerabilidade. Por isso os vestidos pendurados na árvore estão feridos”.

Esta foi uma exposição surpreendente e que convidou o público a profundas reflexões. A instalação intitulada “O salão do drama”, ficou localizada no segundo salão da Pinacoteca. A sala estava totalmente pintada na cor vermelha e o centro brotava uma grande árvore (sem folhagens, apenas os galhos) pintada de branco, onde os vestidos, também brancos e com algumas marcas e manchas, estavam pendurados.



Figura 51. Instalação “O salão do drama”, fotografia por Reynaldo Gama Jr., 2016. Fonte: <https://www.facebook.com/ateliehildamoura>

Figura 52. Obras expostas à direita, compondo “O salão do drama”.Fotografias por Reynaldo Gama Jr., 2016. Fonte: <https://www.facebook.com/ateliehildamoura>

Figura 53. Frase do escritor Gabriel García Márquez exposta em “O salão do drama”. Fotografia por Ariane Sapucaia, 2016. Fonte: <https://www.facebook.com/ateliehildamoura>

Já na instalação localizada no hall de entrada, apresentava uma vestimenta e contou também com uma videoarte, que projetava uma animação de alguns elementos das pinturas da artista.



Figura 54. Instalação com vídeo-arte. Fotografia por Reynaldo Gama Jr., 2016. Fonte: <https://www.facebook.com/ateliehildamoura>

Durante a mostra na Pinacoteca, uma das obras, intitulada “Eva”, foi selecionada para a categoria de Pinturas da Bienal de Arte Contemporânea do Distrito Federal, promovida pelo SESC DF.

Em seguida, a exposição “A Lágrima das Coisas” foi remontada na galeria de Arte do SESC Arapiraca, e lá a exposição permaneceu por um tempo também.

Sua terceira exposição “Elisa” aconteceu em 2019, no Galpão 422. A mostra contou com retratos de figuras femininas que, imersas em composição com elementos simbólicos construía uma narrativa para cada uma das personagens das telas. A curadoria da mostra foi assinada por Rafael Almeida, que teve uma nota sobre a exposição publicada no site GazetaWeb, onde fala que:

"Alguém olhou para a obra Elisa e disse que ela é feita de dor e de garra. Nada poderia traduzir melhor as vinte obras ou vinte mulheres desta exposição. Personagens que nos remetem a estranhos contos de fadas e nos levam a refletir sobre a capacidade feminina de suportar fardos imensos em corpos tão delicados". (ALMEIDA, Rafael. Elisa - Exposição de arte. Gazetaweb, 2019. Disponível em: <<https://www.gazetaweb.com/noticias/diversao-variedades/agenda-cultural/e>

xposicoes-shows-cinema-e-teatro-sao-as-principais-atraco-es-dos-proximos-dias/>. Acesso em: 19 de julho de 2021.

Outra característica marcante é a repetida representação de mulheres ruivas nos retratos de Hilda. Certa vez, em uma roda de conversa com a artista, quando indagada sobre essa característica, a mesma atribuiu um dos motivos ao mito sobre os ruivos, onde se conta que a característica física dos cabelos avermelhados era dada como punição aos bruxos e, por isso, mulheres ruivas sofreram sob a acusação de bruxaria durante o período da inquisição, foram perseguidas, presas e mortas em fogueiras. Talvez, este seja mais um elemento simbólico para endossar a ludicidade e a fantasia que ilustram os sofrimentos femininos presentes nas suas obras.



Figura 55. Obra “Matrioska”, na exposição “A Lágrima das Coisas”, 2016. Fonte: <https://www.facebook.com/ateliehildamoura>

Figura 56. Obra “Ninguém vai rir”, 2020. Fonte: <https://www.instagram.com/hilda.moura/>

Figura 57. Obra “Alice” 2019. Fonte: Autora.

Figura 57. Obra “Marcela” 2019. Fonte: <https://www.instagram.com/hilda.moura/>

Figura 58. Obra “Rainha”, 2021. Fonte: <https://www.instagram.com/hilda.moura/>

A dualidade está marcada na expressão artística de Hilda Moura, que transita fluidamente entre a ludicidade da fantasia das fábulas e as fortes expressões carregadas de alentados significados para a natureza humana e especialmente a feminina.

“Gosto de trabalhar com as dualidades. Em minhas obras, falo de delicadeza, força, dor e sofrimento. Esses diferentes sentimentos são parte da natureza humana, carregamos todos eles dentro de nós, simultaneamente” (MOURA, Hilda)

As características de sua personalidade singela de olhar doce e sereno se transpõe para suas obras, confundindo criador e criatura. Sem dúvidas, Hilda Moura é uma das mais talentosas, sensíveis e potentes artistas que a arte contemporânea de Alagoas já produziu.

4.3 JEANINE TOLEDO: “O que é arte? Arte é isto?”



Figura 60. Painel visual da artista Jeanine Toledo, 2021. Fonte: Autora.

Nascida na capital alagoana em 1962, Jeanine de Lima Toledo mudou-se para a cidade de Recife, em Pernambuco, no final dos anos 1970, com a pretensão de estudar Belas Artes. Se deparando com o fechamento da escola de Belas Artes em Recife, Jeanine levou em consideração o seu gosto e aptidão pelo desenho e acabou cursando e se formando em Programação Visual pela Universidade Federal de Pernambuco, em 1983.

Logo após finalizar a faculdade, percebeu que aquela área de atuação ainda não era o que desejava e a satisfazia. Foi quando, então, sentiu necessidade de se aprofundar na pintura.

“Na pintura eu me encontrava, ela me desafiava a cada dia e era uma relação de paixão e diálogo entre o quadro e eu. Nela eu me sentia realizada.” (TOLEDO, Jeanine. O eterno exercício experimental...Revista Lusófona de Estudos Culturais ,vol. 4, n. 1, 2017)

A artista comenta sobre o cenário da visualidade naquela época, evidenciando o importante movimento de retomada da pintura no auge dos anos 1980, que culminou com a exposição “Como vai você geração 80?”, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1984.

“Era uma exposição que queria dar conta não apenas da ‘volta à pintura’, mas também mostrava o que estavam fazendo os artistas durante a época da ditadura militar no Brasil. Muitos expoentes dessa mostra permaneceram trabalhando nesse suporte até os dias de hoje, tais como, Luiz Zerbini (1959), Beatriz Milhazes (1960), Leda Catunda (1961) e Cristina Canale (1961). Esse panorama evidenciou que os anos 1980 não foram mera ‘volta’ e sim um caminho de reaproximação com a imagem. Posta em xeque pela chamada desmaterialização da arte e pelo conceitualismo nas duas décadas anteriores, a imagem voltou a ocupar um lugar de destaque na produção do período. (TOLEDO, Jeanine. O eterno exercício experimental...Revista Lusófona de Estudos Culturais ,vol. 4, n. 1, 2017)

Nos anos seguintes, a artista permaneceu em Recife e lá desenvolveu sua carreira e alcançou projeção nacional, acumulando premiações e participações em salões de arte e exposições individuais e coletivas.

A vivência em Recife deu-lhe, além de tudo, uma grande referência para sua expressão artística: a linha predominantemente figurativa que o artista holandês Frans Post deixou na capital pernambucana, em 1637, que perdurou e acabou influenciando os futuros artistas locais, inclusive Jeanine, que nas suas obras se vale da figuração através da representação do corpo humano em diferentes contextos e perspectivas.

“Eu herdei essa tradição. Meu trabalho sempre usou a referência do corpo, ou partes dele, contextualizando a história da arte, a memória, o tempo. Muitas vezes me apropriei de obras ícones da história da arte como temática para as minhas obras e como forma de questionar seus cânones.” (TOLEDO, Jeanine. O eterno exercício experimental...Revista Lusófona de Estudos Culturais ,vol. 4, n. 1, 2017)

A representação do corpo humano se apresenta nas pinturas, esculturas e instalações de Jeanine, contemplando as questões conceituais, questionando a natureza e, em grande parte de seu trabalho, abordando a figura da mulher na história da arte.

A artista sempre trabalhou sozinha, nunca em coletivos ou grupos artísticos, como era de costume em sua geração. Ela conta que seu trabalho refletia também esta condição à margem e com o passar do tempo percebeu a necessidade de contextualizar mais o que fazia, quando sentiu que apenas a pintura não era mais

suficiente para as suas inquietações. Então, no fim dos anos 1990, começou a experimentar outros suportes e técnicas e, com essas mudanças, sentiu também a necessidade de falar mais sobre o seu trabalho.

“Isso era uma questão difícil para uma artista que se envolvia com a pintura de uma maneira dionisíaca. Sempre achei que a pintura não devia ser explicada. Pintura é pintura e ela te capta imediatamente ou você passa por ela indiferente. Não é necessário explicações para fruir. Mas o circuito artístico na contemporaneidade começou a exigir contextos, principalmente enormes textos, verdadeiros compêndios, para explicar os trabalhos artísticos. Algo que sempre achei muito chato.” (TOLEDO, Jeanine. O eterno exercício experimental...Revista Lusófona de Estudos Culturais ,vol. 4, n. 1, 2017)

A partir da apropriação de uma frase do escultor, desenhista, artista gráfico e cenógrafo brasileiro Waltercio Caldas (1946) “O que é arte? Arte é isto?”, Jeanine deu um novo direcionamento a sua pesquisa artística que ainda remetia ao corpo humano, porém, refletindo e questionando a natureza da arte atual. Letras e cabelos humanos colados em uma lona compõem a obra que participou da exposição do 44º Salão Pernambucano de Artes Plásticas no ano de 2000.



Figura 61. Obra Isto É Arte? Arte É Isto (Registro fotográfico Fritz Simons), 2000. Fonte: Itaú Cultural

No ano de 2001, Jeanine Toledo expôs na Pinacoteca Universitária da UFAL, juntamente com Daniela Aguilár e Vera Arruda, na coletiva intitulada “O universo de três mulheres e seu reflexo na arte contemporânea”.



Figura 62. Obra O pensador de Auguste Rodin, 2000. Fonte: Acervo da Pinacoteca UFAL.

A mostra fez parte dos eventos que a Pinacoteca Universitária da UFAL realizou em comemoração aos 40 anos da UFAL. A temática que envolvia as três artistas propôs um diálogo entre o reconhecimento do vestuário trazidos por Arruda e Aguilár, com a plasticidade da expressão artística de Jeanine Toledo, “favorecendo a leitura e atenuando a proposta criativa da montagem do circuito” (DANTAS, 2001). Sobre a participação de Jeanine nesta mostra, a museóloga e curadora Cármem Lúcia Dantas discorre:

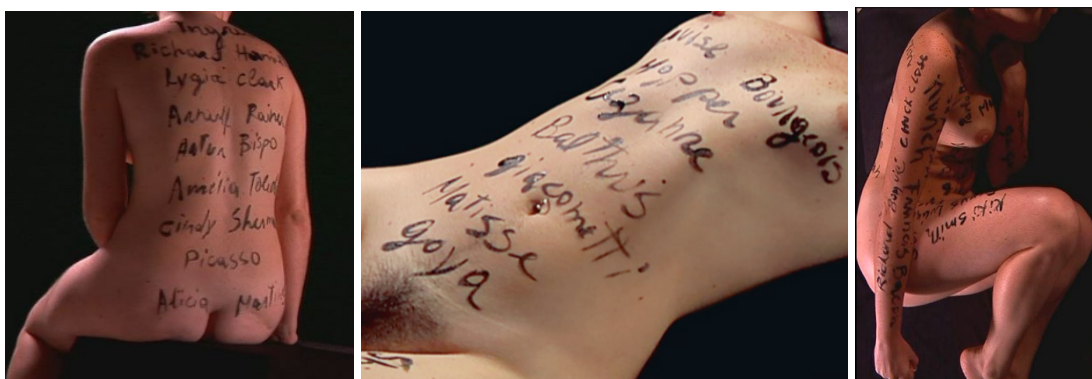
“A estrutura da forma e o domínio do espaço juntam-se ao impacto da cor quase única, dando à composição um entendimento dramático da existência. O expressionismo da artista, pois, se caracteriza pela reprodução pavorosa e ao mesmo tempo poderosa da figura humana, distorcida e alterada na aparência, mas sempre reveladora da carga psicológica que a envolve. (DANTAS, Carmem Lúcia. 2001)

Jeanine fala das referências artísticas que se identificou durante seus processos, fazendo uma analogia com a familiar “árvore genealógica”. Segundo conta, certa vez ouviu do artista Nelson Leirner (1932) - o qual dedica profunda

admiração - que cada artista possui uma árvore genealógica artística, onde estão contidos os nomes dos artistas que os influenciaram, de maneira que os mais próximos de suas poéticas seriam vistos como seus pai e irmãos, enquanto aqueles cuja expressão se distancia um pouco mais, seriam os primos e tios.

Esta analogia inspirou Jeanine em sua exposição “Uns e Outros”, ocorrida no ano de 2003, em Recife. Nesta exposição, trabalhou os artistas que fazem parte de sua “árvore genealógica”, utilizando suas obras, suas frases e retrabalhando-as em seu próprio contexto. As obras foram desenvolvidas em diversas técnicas e suportes como vídeo, pintura e fotografia. Sobre a exposição, o pesquisador e curador pernambucano Moacir dos Anjos fala que:

“No vídeo Uns e os Outros, Jeanine Toledo escreve, sobre o corpo nu de uma mulher anônima, dezenas de nomes de artistas (e não mais aquilo que falam, como fizera em Troncos-Arquivos): vivos ou mortos, mulheres ou homens, próximos ou distantes, pintores, escultores, cineastas ou outros que não se enquadram em categoria alguma. Nomeia aqueles que, de modos diversos, informam aquilo que constrói (ou cujas obras a escolheram como próxima, tanto faz). São nomes tão diversos como Louise Bourgeois, Paulo Bruscky, Waltercio Caldas, Nelson Leirner, Van Gogh, Sam Taylor-Wood, Cildo Meireles, Peter Grennaway e, claro, Marcel Duchamp e Gustave Courbet. (...) Como na vida, na arte somam-se e descartam-se, a todo instante, afetos e afinidades.” (DOS ANJOS, Moacir. 2003. **Do que não começa ou termina (origem)**)



Figuras 63, 64 e 65. Frames do vídeo: Uns e Outros, Jeanine Toledo, 2003. Fonte: Revista Lusófona de Estudos Culturais, vol. 3, n. 2, 2017, pp. 327 – 329

A artista conta que de todas as suas exposições, as que mais lhe trouxeram resultado satisfatório foram “Uns e Outros” e “A Lente Turva”, pois, segundo constata, as duas abordam de maneira muito clara a poética de sua expressão.

A mostra “A Lente Turva” aconteceu no ano de 2007, também em Recife. A concepção desta exposição inspiradora para a temática deste trabalho presente, partiu de uma pesquisa sobre o papel das mulheres na história da arte. O fato de a mulher ser vista durante séculos na história da arte apenas como objeto e não como sujeito da obra foi a motivação para que a artista se debruçasse por uma vasta pesquisa para investigar quais foram as primeiras protagonistas mulheres na arte.

“Todos os trabalhos da mostra basicamente mostravam o meu próprio protagonismo como Sujeito da obra, a artista que revisitava a história da arte fazendo uma releitura de obras ícones que tinham a mulher como Objeto. Foi uma exposição que me deu enorme prazer em realizá-la, desde as pesquisas, até o resultado final. Entendi que o artista pode e deve criar coisas belas baseadas em conceitos ou questões que são preponderantes e que nos cercam.” (TOLEDO, Jeanine. O eterno exercício experimental...Revista Lusófona de Estudos Culturais ,vol. 4, n. 1, 2017)

Este trabalho de Jeanine coincide exatamente com a temática central do referencial teórico desta pesquisa, a qual a justifica: a invisibilidade feminina na história da arte e a necessidade de criar oportunidades para que as mulheres ocupem este espaço das artes.

Fico pensando qual o papel do artista na contemporaneidade, isto é, qual o seu comportamento perante as exigências do mundo atual? O posicionamento político que o artista deve ter na sociedade, remonta velhos tempos. No passado havia as demandas da aristocracia ou da igreja e os artistas tinham que se moldar ou se rebelar às convenções da época. Havia sempre o ‘mecenas’ a ditar os caminhos que queriam e as suas encomendas. Penso que talvez o papel do artista, mesmo a despeito de entrar no circuito e tudo o que o envolve, seja conseguir falar de coisas prementes relativas ao universo atual. (TOLEDO, Jeanine. O eterno exercício experimental...Revista Lusófona de Estudos Culturais ,vol. 4, n. 1, 2017)

Jeanine faz arte explorando recursos do que talvez seja o ponto central da arte contemporânea: a crítica às questões existenciais e sociais através de técnicas e suportes interativos. Sua obra “Encontros e Despedidas”, por exemplo, é uma das que mais revelam este caráter. A obra interativa simula mãos que se tocam - encontros - e se separam - despedidas.

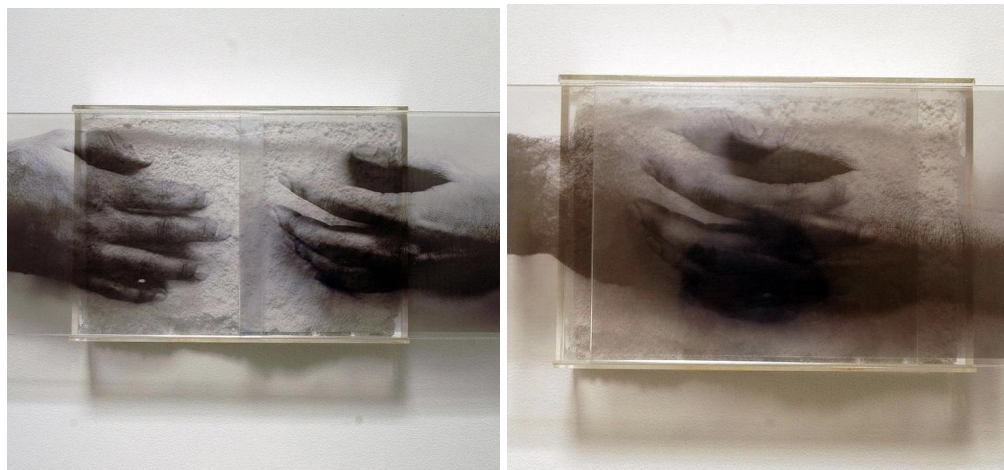


Figura 66 e 67. Obra “Encontros e Despedidas”, [s.d]. Fonte: Rede social da artista.

Conforme mencionado anteriormente, Jeanine Toledo é uma artista que se dispõe ao diálogo sobre as questões existenciais, sobre sua visão de mundo e posicionamentos diante das demandas que perpassam na vida humana. E sobre o seu papel social enquanto artista, ela traz essas indagações em suas obras e convida à reflexão.

4.4 MARIA AMÉLIA VIEIRA: Diálogo entre as artes contemporânea e popular



Figura 68. Painel visual da artista Maria Amélia Vieira, 2021. Fonte: Autora.

Nascida na capital alagoana, em 09 de maio de 1955, Maria Amélia Vieira Soares Costa Neves, iniciou sua trajetória nas artes muito cedo, ainda na adolescência. Influenciada por sua tia, a artista alagoana Maria Tereza Vieira, Maria Amélia inicia sua formação artística orientada por ela e mais tarde, inicia os estudos na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro.

Em 1980, Maria Amélia Vieira estreou sua primeira exposição individual na Galeria Alternativa, em Maceió. Nesta época, a técnica que mais utilizava era a colagem com tecidos e palha de coco.

A partir do ano de 1984, sua pintura ganhou um caráter mais abstrato e, então, começou a retratar a sua perspectivas dos elementos e símbolos da cultura popular nordestina. Neste mesmo ano de 1984, participou de uma exposição coletiva de artistas alagoanos, no Museu Sant' Egidio, em Roma (Itália).

Imersa no universo do artesanato e da cultura popular por gosto, Maria Amélia Vieira, junto com seu companheiro, o também artista Dalton Costa, mantêm em Maceió, desde 1985 a reconhecida Galeria Karandash, com uma grande coleção de obras de cunho popular, de mais de 20 artistas e artesãos, que procuram estabelecer um diálogo entre a arte contemporânea e a arte popular.

No livro “Arte Alagoas I e II” (1987), que traz uma breve biografia de cada artista que participou da exposição Arte de Alagoas, comemorativa ao centenário do poeta Jorge de Lima, o curador pernambucano Marcus Lontra Costa, discorre sobre a artista:

Maria Amélia integra um clã de fortes presenças femininas. Os seus desenhos, de grandes dimensões, nos quais a artista interfere diretamente no suporte, cortando e fragmentando o papel para depois recompô los, criando com isso uma nova organização dos espaços, é o espelho de uma personalidade extrovertida, que se relaciona diretamente com a geometria popular nordestina e com a nova-figuração surgida nos anos 80. Reelaborando retalhos e fragmentos, utilizando-se de símbolos ancestrais e da velocidade do cartoon e da vida contemporânea, os trabalhos de Maria Amélia estabelecem interessantes paralelos com a produção erudita e popular, entre o rural e o urbanos, entre a figuração e o componente geométrico que perpassa o processo de artesanaria da obra, entre o racional e o emocional. É importante frisar que esse caráter regional dos trabalhos de Maria Amélia em nenhum momento faz concessões ao pieguismo ou à demagogia. Ao contrário, a obra de Maria Amélia internacionaliza-se no momento em que ela discute questões pertinentes ao universo contemporâneo das artes plásticas, sem abandonar as influências naturais que a luminosidade e a exuberância das paisagens nordestinas provocam. Longe de meras ilustrações que costumam atestar um caráter meramente folclórico e anedótico do regional, os desenhos de Maria Amélia destacam-se pela sua riqueza de interpretações e pelas possibilidades de criar pontes no tempo, dialogando com a verdadeira visualidade nordestina, a ela aplicando a necessária concepção teórica de espaço que a arte pós-cubista exige. (LONTRA, Marcus. Recife/Rio - 1987. Arte Alagoas I e II p. 44)

Como mencionado por Lontra em seu texto curatorial, as pinturas de Maria Amélia trazem o caráter marcante da composição feita por vários elementos figurativos: figuras geométricas, símbolos da cultura popular, estilismos - o que Campos (2004) chama de “figurinhas”, como ilustra a figura abaixo da obra s/ título, de 1990, que compõe o glossário visual de seu livro sobre a trajetória pictórica alagoana.



Figura 69. Obra s/t, 1990. Fonte: Campos (2000).

Saindo um pouco das técnicas de pinturas bidimensionais, em 2004, Maria Amélia expôs na Pinacoteca da UFAL a mostra intitulada: “E do Barro Foi Feito”. Nesta exposição, a artista trouxe peças tridimensionais, feitas de argila. Pequenas peças com variados formatos, que formaram um grande painel-instalação de 3 metros de altura por 5 metros de largura.



Figura 70. Instalação da série “E do barro foi feito”, 2004. Fonte: Catálogo Pinacoteca Universitária da UFAL

A professora e crítica de arte Celia Campos, discorreu sobre a exposição “E do barro foi feito” e sobre as novas técnicas que Maria Amélia apresentou naquela época.

“A argila, sua velha conhecida, é a matéria que hoje satisfaz a sua busca por uma simplicidade imemorial, pela cor contida, pela rusticidade ao toque, pela possibilidade infinita de formas, cortes, modelagens, justa e ou sobreposições. É, portanto, nesse maleável material que surgem os mais diferentes objetos escultóricos que “escrevem” a plasticidade de cunho arquetipal da artista. São pequenos volumes que remetem à natureza, ao passado tribal, ao sexo, aos arcanos da humanidade nas noites perdidas do Tempo. (CAMPOS, Celia. 2004. Catálogo Pinacoteca Universitária Arte do século XXI)

Em 2007, voltou para os salões da Pinacoteca com mais uma exposição individual, a “Passagem Para a Vida”. Como anteriormente, mais uma vez a artista apresentou novas técnicas e suportes, trazendo obras vestimentas com intervenções de costuras, bordados, aplicações de peças de cerâmica, entre outros.



Figura 71. “Vestimenta” da série Passagem para a vida. 2007. Fonte: Pinacoteca Universitária da UFAL.

Em seu texto curatorial sobre esta exposição, a arte educadora e curadora Ana Mae Barbosa discorre sobre a característica que Maria Amélia tem de “conseguir imprimir os signos que manifestam a sua vivência, suas influências do popular e a totalidade de quem ela é” (BARBOSA, 2007):

“Muito se fala hoje em pesquisas significativas por meio de História de Vida. Na Universidade manejamos esse instrumental pelo discurso verbal. Maria Amélia descortina sua história de vida pela da imagem, como fez Frida Khalo muitos anos atrás. Contudo, vai mais além, integrando a História da Cultura onde vive à história pessoal, como fez Judy Chicago, que recuperou a participação das mulheres na história cultural, com suas histórias pessoais.” (BARBOSA, Ana Mae. 2007. Catálogo Pinacoteca Universitária na arte do século XXI)

Além das inúmeras exposições e do ofício diário na Galeria Karandash, um dos projetos mais curiosos que desenvolveu junto com seu companheiro Dalton Costa, como uma iniciativa da Karandash, é “O Museu no Balanço das Águas”.

“A ideia é fomentar, valorizar e respeitar essas sabedorias tradicionais que se mantêm vivas, repassar para as novas gerações esses fazeres com vistas à preservação da identidade, da memória artística ribeirinha do Baixo São Francisco e do fortalecimento dessa cadeia produtiva que tem gerado emprego e renda, a partir do processo de economia criativa para dezenas de famílias” (VIEIRA, Maria Amélia.)

O projeto leva, a bordo de um barco pelo Rio São Francisco, as obras feitas por artesãos (ceramistas, escultores, bordadeiras do projeto Ampliando os Saberes do Velho Chico, e promove oficinas de criação com crianças, adolescentes e jovens de três escolas municipais de cada comunidade - Aldeia Xokó (Sergipe), Entremontes (Piranhas) e Riacho Grande (Pão de Açúcar).



Figura 72 e 73. Projeto “O Museu no Balanço das Águas”. Fonte:
<https://blog.cantao.com.br/2016/03/galeria-karandash-e-o-museu-no-balanco-das-aguas/>

Uma das fortes características da expressão artística de Maria Amélia é a utilização de técnicas e materiais alternativos. A artista transitou pela colagem, passou pela pintura, pelo desenho, pelo papel até chegar às telas pintadas à tinta acrílica. Incorporou técnicas de bordados e costuras sobre materiais e superfícies diversas, e mais tarde passou a trabalhar também com cerâmica e louças. Com técnicas e materiais diversos, o seu fazer artístico busca o diálogo entre artesanato, cultura popular e arte contemporânea.

4.5 ROSA MARIA PIATTI: A arte dos ritmos.



Figura 74. Painel visual da artista Rosa Maria Piatti, 2021. Fonte: Autora.

Rosa Maria Piatti, formada em arquitetura pela Universidade Federal de Alagoa, desde muito pequena já foi apresentada ao contato com o mundo artístico, através de sua mãe, a também arquiteta e fundadora do curso de Arquitetura da UFAL (1955), Zélia Maia Nobre e seu pai Vinícius Maia Nobre, professor e engenheiro civil.

Em entrevista para o *blog* Arte Contemporânea de Alagoas, a artista constata que durante a sua infância a mãe trabalhava muito e a mantinha ocupada com pintura, música, com arte nas mais diversas modalidades. O que não deixa dúvidas quanto ao resultado positivo que agregou em sua formação artística, quando afirma que o contato com a natureza artística mantém as pessoas com a mente mais aberta, mais sensível e leva a uma percepção maior das coisas ao redor.

O contexto em que conviveu durante o seu crescimento a levou para a graduação em Arquitetura, mas Rosa apresentava sempre uma maior inclinação para o universo artístico pela liberdade criativa que a arte lhe oferecia. “Na arte, você tem isso. Você cria o que quer, você expõe e interpreta a sua vontade. Quem quiser, adquire ou não a sua obra. Isso foi o que me incentivou muito a seguir no ramo”, pontuou a artista na entrevista ao *blog* Arte Contemporânea de Alagoas.

No ano de 1999, Rosa M^a Piatti participou da exposição coletiva “Olhar Alagoas”, que marcou a reabertura da Pinacoteca da UFAL e inaugurou também a sua primeira exposição na instituição. Participou também da remontagem comemorativa a esta exposição, a mostra “20 anos da Exposição Olhar Alagoas: Arte Contemporânea na Pinacoteca da UFAL”, com a mesma obra.



Figura 75. Obra s/título, 1999. Fonte: Pinacoteca Universitária da UFAL.

A obra, que contém 28 partes, é conceituada no “ritmo” que define o trabalho de Rosa. Composta por uma base de madeira que apara os sete vasos de porcelana que se comunica - através das cores e dos elementos figurativos - com o painel central que apresenta seis quadros menores e o mesmos traços (riscos) pretos, que se repetem fora do painel central, com o intuito de trazer a sensação de continuidade rítmica e unidade.

“Esse é um trabalho meu que remete muito fortemente a questão do ritmo, que eu tanto falo quando as pessoas me perguntam sobre o meu trabalho.(...) Tá no meu processo criativo, que é uma coisa muito ligada a origem... africana... da nossa etnia. Ligada muito aos ritmos. Ritmos esses, que eu sempre falo, que são os ritmos da paisagem, o ritmo da música, o ritmo, do que a gente vê no nosso dia a dia. Então, esse trabalho tem muito de ritmo. Eu quis mostrar esse ritmo na parede, com o reflexo em baixo na porcelana. Então, é composta de vários elementos verticais, que traduzem esse ritmo.” (PIATTI, Rosa Maria. 2019. Entrevista concedida à Pinacoteca Universitária da UFAL).

Em 2018, Rosa realizou a sua primeira individual a convite da Pinacoteca, para abrir a pauta anual daquele ano. Com a curadoria de Rogério Gomes e Rafael Almeida, a mostra “Perspectivas de Mim” apresentou 20 obras entre pinturas e instalações com técnicas e suportes variados entre telas, lona, bordado, porcelana e madeira.

“Esta exposição representa um momento importante na carreira de Rosa Piatti. Dona de uma trajetória consolidada, ao longo dos anos, conseguiu construir uma linguagem universal. Sua atual fase é visceral, carregada de fortes sentimentos e representa um mergulho no íntimo. Na mostra, a artista se desprende de todas as amarras, rasga, costura, entrelaça, e retira todas as camadas de seu universo particular, num ritmo que remete ao próprio ciclo da vida.” (ALMEIDA, Rafael. 2018. Rosa Maria Piatti mostra sua fase intimista na Pinacoteca. Disponível em: <<https://ufal.br/ufal/noticias/2018/4/rosa-maria-piatti-mostra-sua-fase-intimista-na-pinacoteca>>.

A exposição apresenta obras regadas de tons de vermelho e marrom, traços característicos do conceito rítmico adotado pela artista e com texturas mistas que revelam a linguagem única e ancestral e cheia de personalidade de Rosa.

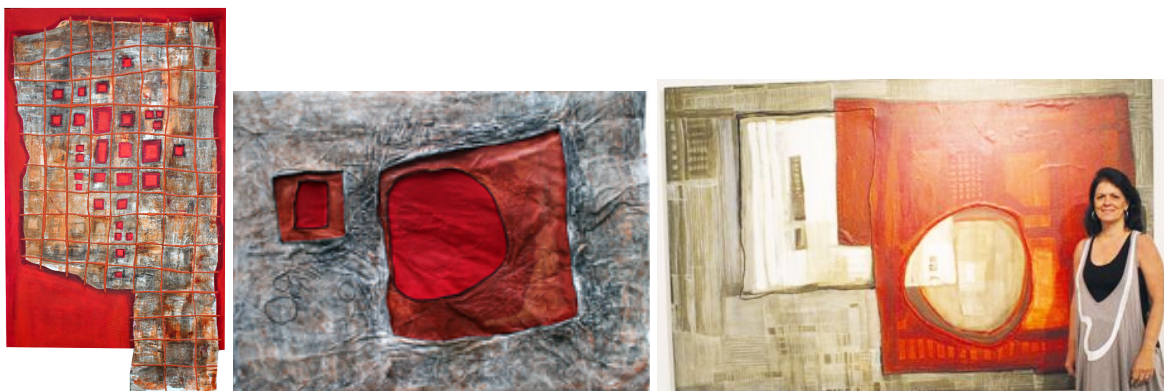


Figura 76 e 77. Obras da mostra “Perspectivas de Mim”, 2018. Fonte: UFAL Notícias

Figura 78. Artista Rosa M^a Piatti na mostra “Perspectivas de Mim”, 2018. Fonte: UFAL

Muito da trajetória de Rosa M^a tem a presença fundamental e participativa de sua irmã, a também arquiteta e artista Ana Maia. Após formadas, em 1990 abriram a empresa “Viver de Arte”, onde juntas produziam as mais variadas peças entre telas, esculturas, luminárias, porcelanas, mobiliários e outras peças de madeira, com

pinturas exclusivas. As peças foram disponibilizadas no mercado local e aos poucos foi ganhando projeção nacional e internacional, através de feiras e eventos expositivos fora do Brasil. A arte das irmãs alcançou projeções tamanhas que lhes garantiram premiações por originalidade na AFMilão (Itália); na Expo Art San Francisco (EUA); na Maison & Objet (França); no The New York Home Textiles Show - Javits Center (Nova York, EUA); Qualidade Alagoana (Brasil); Top 100 Sebrae (Brasília, Brasil) e no Quality For Export - ABIMAD SP Brasil - Comenda Arnon de Mello (Alagoas, Brasil).



Figura 79. Na ordem, Ana Maia e Rosa Mª Piatti, 2017. Fonte: Blog Aqui Acolá

Figuras 80, 81 e 82. Peças “Viver de Arte”, 2017. Fonte: Blog Aqui Acolá

A partir de 2009, enveredaram pelos caminhos da moda e passaram a produzir também, peças de vestuário como vestidos, saias e blusas, além de acessórios, bolsas e sandálias. Assim como as os artefatos, as novas peças traziam a mesma identidade visual e inspiração nas histórias, paisagem e costumes regionais, do sertão ao litoral. A nova investida rendeu tanto sucesso que as irmãs chegaram a ter a loja “Viver de Arte” em diferentes cidades brasileiras (Maceió, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, além das exportações). Vestiram celebridades

brasileiras como Marieta Severo, Fernanda Montenegro e Irene Ravache, e também internacionais como Brad Pitt.



Figuras 83, 84 e 85. Peças Maia Piatti, 2017. Fonte: Blog Aqui Acolá

Por volta de 2012, optaram por reduzir os trabalhos e voltar a produzir e criar com mais tranquilidade. Portanto, houve uma pausa da produção em conjunto e seguiram com seus projetos pessoais, até que em 2016 inauguraram o Ateliê Maia Piatti, no bairro do Farol, em Maceió.

Junto com o Maia Piatti, veio também a intervenção urbana no Mirante Santa Terezinha, que fica de frente para o ateliê. Em parceria com a Prefeitura de Maceió e o Centro Universitário Cesmac, Rosa Piatti e Ana Maia desenvolveram e participaram juntas da execução do projeto que ressignificou o lugar e incentivou o retorno do convívio urbano entre os moradores, visitantes e clientes do ateliê.

“A ideia surgiu quando decidi montar o atelier aqui no bairro, mas vi que a área estava abandonada. A partir daí tomei a decisão que não adianta ficar trancada dentro do escritório e não interagir com o bairro, principalmente aqui, onde temos um belíssimo visual. Abracei a causa, me informei, procurei quem poderia me guiar nessa jornada e fui atrás. Após algumas conversas com a Prefeitura, construímos o projeto de adoção da área que foi acolhido pela Semds e por nós realizado. Fico muito feliz em ver que um local que estava ‘morto’, agora, chama a atenção de todos que passam pela região e em ver também que os vizinhos estão contentes com a revitalização do mirante“, disse Ana Maia na ocasião da inauguração.” (MAIA, Ana. 2017. Blog Aqui Acolá. Disponível em: <<https://aquiacola.net/2017/12/19/faces-de-uma-mesma-moeda-ana-maia-e->

rosa-piatti-estream-a-1a-edicao-do-dossie-arte-design-moda/>. Acesso em: 29 de jul de 2021)

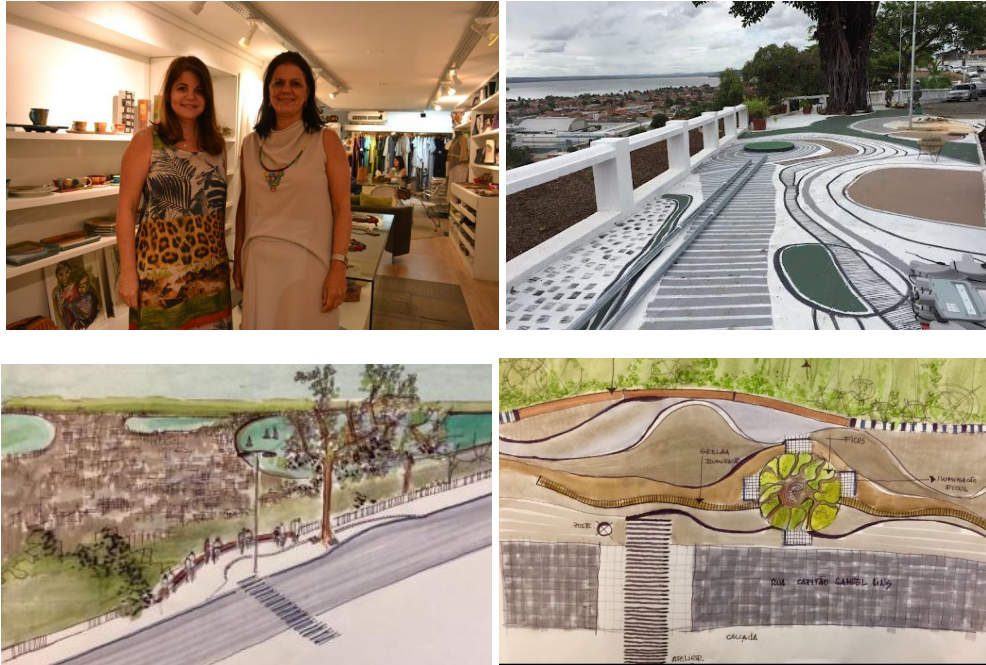


Figura 86. Ana Maia e Rosa Mª Piatti no ateliê Maia Piatti, 2017. Fonte: Blog Aqui Acolá

Figura 87. Mirante de Santa Terezinha, 2017. Fonte: Blog Aqui Acolá

Figuras 88 e 89. Projetos de revitalização do Mirante de Santa Terezinha, 2017. Fonte: Blog Aqui Acolá

Solo ou em coletivo, a expressão artística de Rosa Mª Piatti é notável e reconhecível em qualquer circunstância. A personalidade que a artista imprime em suas obras através de seus traços, cores e representações simbólicas, nos variados suportes e técnicas, evidenciam as características que fazem de seu trabalho um dos mais expressivos e “originais” de Alagoas.

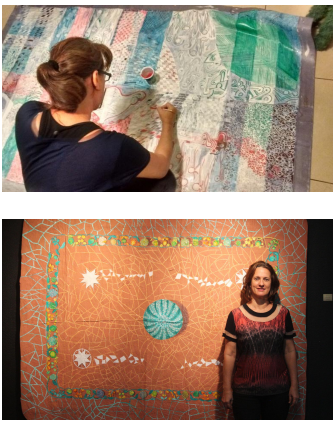

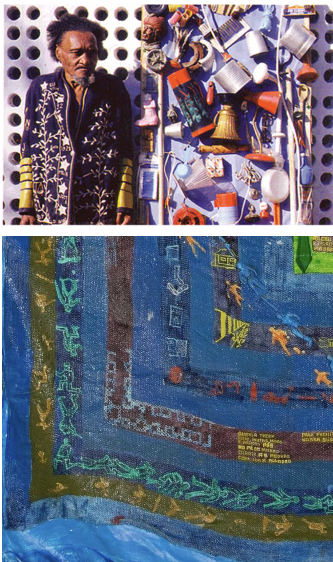

5 ANÁLISES DAS EXPRESSÕES VISUAIS




Esta etapa da pesquisa consiste nas análises da expressão artística, considerando aspectos estéticos formais e conceituais abordados no trabalho das artistas. Os aspectos analisados serão: (a) Materiais e suportes; (b) Paleta de cores; (c) Processo criativo; (d) Referências; (e) Técnicas; (f) Texturas e (g) Tipologia.

5.1 Análise da expressão visual: Eva Le Campion

Tabela 1. Análise da expressão artística - Eva Le Campion, 2021. Fonte: Autora - a partir da observação das obras, leituras de matérias, textos curatoriais e biográfico.

ASPECTO ANALISADO	RESULTADO	EXEMPLO
a) Materiais e suportes	Papelões, caixas, toalhas puídas, pedaços de tecido e carpetes rasgados, barro, tinta acrílica;	

<p>b) Paleta de cores</p>	<p>Tons das cores azul e vermelho, que se complementam com amarelo, tons de verde e os terrosos;</p>	
<p>c) Processo criativo</p>	<p>Desenvolve seu trabalho a partir de experiências sociais e coletivas, que lhes dão inspiração e motivação para criar. Realiza oficinas e trabalhos sociais que resultam em peças de criação coletiva entre a artista e os participantes.</p>	
<p>d) Referências</p>	<p>Referências artísticas: Pierre Chailita; Delson Uchôa; Arthur Bispo do Rosário.</p> <p>Referências estéticas: A artista retrata questões sociais e os mistérios da vida humana, trazendo referências mitológicas e elementos da natureza (animais, flores e folhagens, frutas e alimentos diversos, representações humanas, fetos).</p>	
<p>e) Técnicas</p>	<p>Pintura com acrílica; modelagem de esculturas; colagem; tecelagem.</p>	

		
<p>f) Texturas</p>	<p>As texturas de relevos são comuns devido à sobreposição de materiais que utiliza em seus painéis, misturando tecidos, tintas e pequenos objetos diversos.</p> <p>A textura de barro cru, sem pinturas, também é presente em seu trabalho.</p>	
<p>g) Tipologia</p>	<p>Pinturas; esculturas; painéis; instalações.</p>	

5.1.1 Considerações

Uma característica marcante e curiosa nos trabalhos de Eva são os materiais que utiliza para intervir com sua arte: papelões, caixas, toalhas puídas, pedaços de tecido e carpetes rasgados, que acabam por se tornar suporte para a sua pintura, exatamente da maneira como são encontrados.

“Há ainda dois aspectos que hoje exercem efeito sobre seu trabalho. Primeiro, o material que utiliza para pintar (...); e o segundo, o prazer de pintar os mais diversos motivos que definem suas próprias leis e criando sua própria poética, sem obrigações para nada e para ninguém, aberta à tradição e aos fatos da realidade social onde vive. Os materiais que utiliza não são menos ecléticos que seu estilo, dispondo de elementos figurativos e abstratos, lado-a-lado e de preferência sob uma temática mística. (Dicionário mulheres de Alagoas ontem e hoje / Enaura Quixabeira Rosa e Silva, Edilma Acioli Bomfim (organizadoras) - Maceió: EDUFAL, 2007. p 121)

Os painéis de lona são frequentes nos trabalhos da artista. Construídos com a mistura de materiais alternativos e técnicas mistas de colagem, pinturas e sobreposições, Eva recebeu esta influência do pai de seus filhos, o também artista reconhecido e influente na arte visual alagoana, Delson Uchôa. Foi através da convivência com ele que começou a trabalhar com painéis e com acrílico.

Já a influência sobre o desenho e o conhecimento sobre a mistura das cores, recebeu de seu tio, o grande pintor Pierre Chalita, ainda durante a sua infância. O contraste entre as cores estão presentes de maneira peculiar na arte de Eva Le Campion. A presença frequente das variações de tons das cores azul e vermelho caracteriza a sua paleta de cores, que se complementa com amarelo, tons de verde e os terrosos.

A sobreposição entre as abstrações fluidas e os desenhos figurativos com estruturas florais, sugerem formas que se assemelham à mandalas, que traduzem a mística por trás de suas obras que evocam sensações de profunda transcendência e reflexão.

Outro material bastante utilizado por Eva é o barro. Os trabalhos que resultaram das oficinas de olaria desenvolvidas nas comunidades, em parceria com a Cruz Vermelha protagonizaram as exposições da artista.

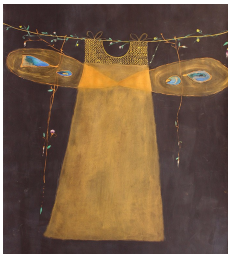
Desse modo, a sua expressão se caracteriza principalmente pela união entre o seu saber artístico (as técnicas, as referências e sua individualidade e própria expressão pessoal em si) e a intervenção de outras mãos, as das inúmeras pessoas e histórias que atravessaram a vida da artista e sobrevieram em suas obras de maneira prática, criando peças nas oficinas de olaria, e também de maneira simbólica, comovendo e inspirando através de suas histórias de vida. Portanto, fica evidente que esta relação da artista com as pessoas, com o social e com as muitas realidades, é o que, de fato, dão sentido ao seu trabalho.

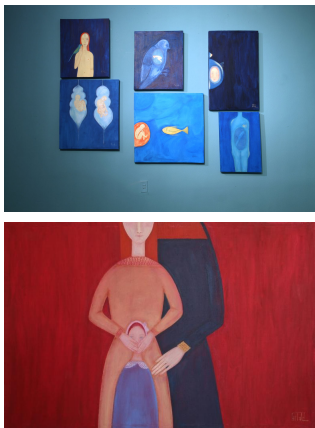


Sobre esta assertiva, concluo esta análise com uma fala da artista em um pequeno vídeo *release* disponibilizado no *blog* Arte Contemporânea das Alagoas:



“O que eu vejo, o que eu sinto, o que eu me revolto, o que eu não consigo mudar, eu pinto a vida. O desenho é a única habilidade que me resta para expressar o mundo à minha volta. (...)A arte é a minha ferramenta, assim como o cimento para o pedreiro, assim como os órgãos para os médicos. Tenho funções com ela, de mostrar o mundo como eu vejo.” (LE CAMPION, Eva. Eva Le Campion. Arte Contemporânea das Alagoas. Disponível em: <<https://contemporaneadasalagoas.art.br/artista/eva-le-campion/>>. Acesso em: 15 de julho de 2021.)

5.2 Análise da expressão visual: Hilda Moura

Tabela 2. Análise da expressão artística - Hilda Moura, 2021. Fonte: Autora - a partir da observação das obras, leituras de matérias, textos curatoriais e biográfico.

ASPECTO ANALISADO	RESULTADO	EXEMPLO
h) Materiais e suportes	Telas; papel; Tinta óleo; ceras.	

<p>i) Paleta de cores</p>	<p>Predominância: Vermelho e azul; Secundárias: laranja, preto, tons de verde e tons de roxo.</p>	
<p>a) Processo criativo</p>	<p>O processo criativo de Hilda acontece de maneira solo, a partir de reflexões entre as questões femininas e sobre as suas leituras que encontra nas outras tipologias de arte como poesia e literatura.</p>	
<p>b) Referências</p>	<p>Referências artísticas: Marc Chagall; Louise Bourgeois; Amadeo Modigliani. Referências conceituais: Fábula; contos; interpretações fantasiosas; figurativismo de retratos; reflexões sobre os sofrimentos humanos, sobretudo o feminino.</p>	
<p>c) Técnicas</p>	<p>Desenho figurativo; mistura de tinta óleo com cera para obter um resultado de imprecisão e falta de nitidez nos traços.</p>	

<p>d) Texturas</p>	<p>O acabamento de algumas das obras dão a sensação de que foram pintadas à lápis de cor, justamente pela técnica de misturar tinta e cera.</p>	
<p>e) Tipologia</p>	<p>Pinturas; Telas.</p>	

5.2.1 Considerações

O misto de signos que ilustram e caracterizam suas obras, estão entrelaçados de maneira que não se percebe a separação entre a fantasia e a dor, e a mensagem chega para o público como algo íntimo, que fala ou toca a cada um de maneira singular, em lugares específicos do ser, da memória.



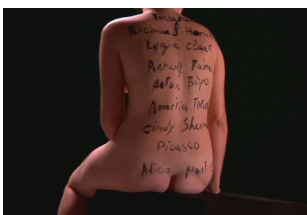

A exemplo disso, na exposição “Hábito”, quando se observa a representação lúdica de vestidos e bustos com flores e figurações românticas, sugestivamente comportados e estáticos, há uma mensagem de incômodo, sofrimento e opressão feminina sendo passada ali também.



Sobre as técnicas e materiais, a artista utiliza tela e papel de variadas dimensões como suporte, e uma das características técnicas de suas obras é misturar tinta óleo com ceras, com o objetivo de imprimir a sensação de imprecisão ou ausência de nitidez nos seus traços.

As cores azul e vermelha aparecem com bastante predominância e frequência em suas obras, embora também haja uma presença equilibrada entre as demais cores que aparecem com frequência: preto, tons de verde e tons de roxo. A obra de Hilda faz um equilíbrio entre as bases de cores frias e a explosão das cores quentes nas ilustrações que se destacam.

5.3 Análise da expressão visual: Jeanine Toledo

Tabela 3. Análise da expressão artística - Jeanine Toledo, 2021. Fonte: Autora - a partir da observação das obras, leituras de matérias, textos curatoriais e biográfico.

ASPECTO ANALISADO	RESULTADO	EXEMPLO
a) Materiais e suportes	Materiais: Tintas; materiais orgânicos (ex.: cabelo humano); Suportes: telas; objetos; corpos; serigrafia.	
a) Paleta de cores	Preto e escala de cinza são predominantes nas obras estudadas. Recentemente observa-se vermelho, amarelo e verde em tons mais fechados.	
a) Processo criativo	Processo criativo solo - embora valorize e considere sempre as suas referências.	
a) Referências	Referências artísticas: Louise Bourgeois, Paulo Bruscky, Waltercio Caldas, Nelson Leirner, Van Gogh, Sam Taylor-Wood, Cildo Meireles, Peter Grennaway e, claro, Marcel Duchamp, Gustave Courbet. Referências conceituais: Figurativismo, usa a referência do corpo, ou partes dele, contextualizando a história da arte, a memória, o tempo.	
a) Técnicas	Desenho; intervenções artísticas sobre objetos já existentes; obras interativas.	

		
a) Texturas		
a) Tipologia	Pintura; videoarte; fotografia; instalação.	

5.3.1 Considerações



Em suas obras, a artista utiliza a pintura com tintas em telas, pinturas em corpos, em objetos; captura as performances e exibe em vídeo arte; propõe instalações com materiais orgânicos - a exemplo disso, a obra indagativa e reflexiva “Isto É Arte? Arte É Isto”, utilizando cabelo humano - e obras interativas como por exemplo “Encontros e Despedidas”, com mãos que parecem se tocar e afastar.





A expressão artística de Jeanine Toledo se caracteriza pela utilização daquilo que talvez seja o ponto essencial da arte contemporânea: a crítica às questões

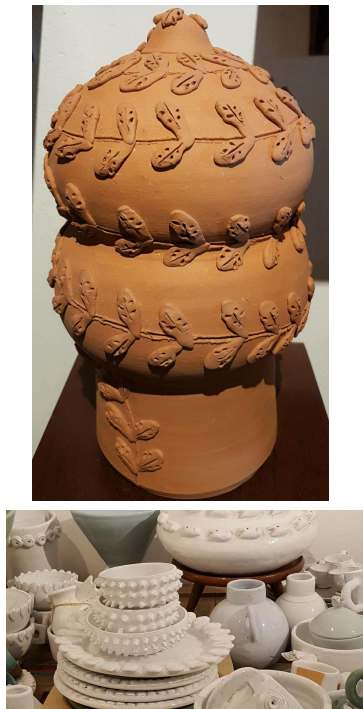
existenciais humanas e a apresentação dessas abordagens com técnicas, materiais e suportes variados e interativos.

5.4 Análise da expressão visual: Maria Amélia Vieira

Tabela 4. Análise da expressão artística - Maria Amélia Vieira, 2021. Fonte: Autora - a partir da observação das obras, leituras de matérias, textos curatoriais e biográfico.

ASPECTO ANALISADO	RESULTADO	EXEMPLO
a) Materiais e suportes	Tintas; barro; palha; tecidos; madeira; lona; papéis; telas;	
a) Paleta de cores	Vermelho, azul, amarelo, tons terrosos;	

<p>a) Processo criativo</p>	<p>Parte de intervenções e interações entre a cultura popular e a arte contemporânea.</p>	
<p>a) Referências</p>	<p>Referência artística: Maria Tereza Vieira Referência conceitual: cultura popular; artesanato; grafismos</p>	
<p>a) Técnicas</p>	<p>Colagem; pintura; bordado; costura; cerâmica;</p>	
<p>a) Texturas</p>	<p>Sobreposições; acabamento do barro cru sem pintura; acrílicas;</p>	

<p>a) Tipologia</p>	<p>Pinturas; esculturas; painéis; videoarte; louças.</p>	
----------------------------	--	---

5.4.1 Considerações


A expressão artística de Maria Amélia Vieira se caracteriza pela transição entre técnicas, materiais e suportes. A artista iniciou com a pintura em telas e painéis, com colagem e sobreposição, incorporou as técnicas de costura e bordados, até que iniciou na cerâmica e nas louças.


Outra característica é a sua proposta de estabelecer um diálogo entre a arte erudita e a arte popular, impressa em suas obras, através do elementos simbólicos, das cores e materiais que utiliza, e também em sua galeria, a Karandash, onde detém um grande acervo de arte popular alagoana, de mais de 20 artistas.

5.5 Análise da expressão visual: Rosa Maria Piatti

Tabela 5. Análise da expressão artística - Rosa Maria Piatti, 2021. Fonte: Autora - a partir da observação das obras, leituras de matérias, textos curatoriais e biográfico.

ASPECTO ANALISADO	RESULTADO	EXEMPLO
-------------------	-----------	---------

<p>a) Materiais e suportes</p>	<p>madeira; lona; tela; tintas; porcelana; tecidos; couro; pedrarias; cordas; papel;</p>	
<p>a) Paleta de cores</p>	<p>forte presença das cores: vermelho, preto, cinza e marrom, e suas variações.</p>	
<p>a) Processo criativo</p>	<p>A partir das referências que compõem seu repertório.</p>	
<p>a) Referências</p>	<p>Rítmo; ancestralidade africana; traços primitivos; paisagens e manifestações culturais alagoanas;</p>	
<p>a) Técnicas</p>	<p>Pintura; desenho; colagem; costura; cerâmica; carpintaria e marcenaria; bordado;</p>	

		
<p>a) Texturas</p>	<p>Tridimensionalidades conceituadas no ritmo;</p>	
<p>a) Tipologia</p>	<p>Painéis; Desenhos; Esculturas; Vestuário; Acessórios de moda; Porcelana; Utensílios domésticos e decorativos (pratos, talheres, copos, xícaras, cinzeiros, luminárias,...)</p>	

5.5.1 Considerações

A obra de Rosa Maria Piatti se caracteriza pela representação dos traços e figuras que, segundo a artista, fazem alusão ao seu imaginário ancestral e são

elementos que marcam suas obras, assim como a paleta de cores que se mantém na maioria delas.

Entretanto, o caráter multifacetado da artista, que transita entre as mais variadas maneiras de expressão, é, certamente, um dos pontos relevantes desta análise. Com as mais variadas técnicas, suportes e materiais, a artista atua na confecção de vestuário e acessórios de moda, utensílios de porcelana, luminárias de madeira, mobiliários além dos painéis, quadros, instalações e intervenção urbana.

Todas estas tipologias trazem características visuais inerentes à sua expressão, certamente, fazendo com que suas peças tenham a autoria reconhecida.

7 MAPA MENTAL

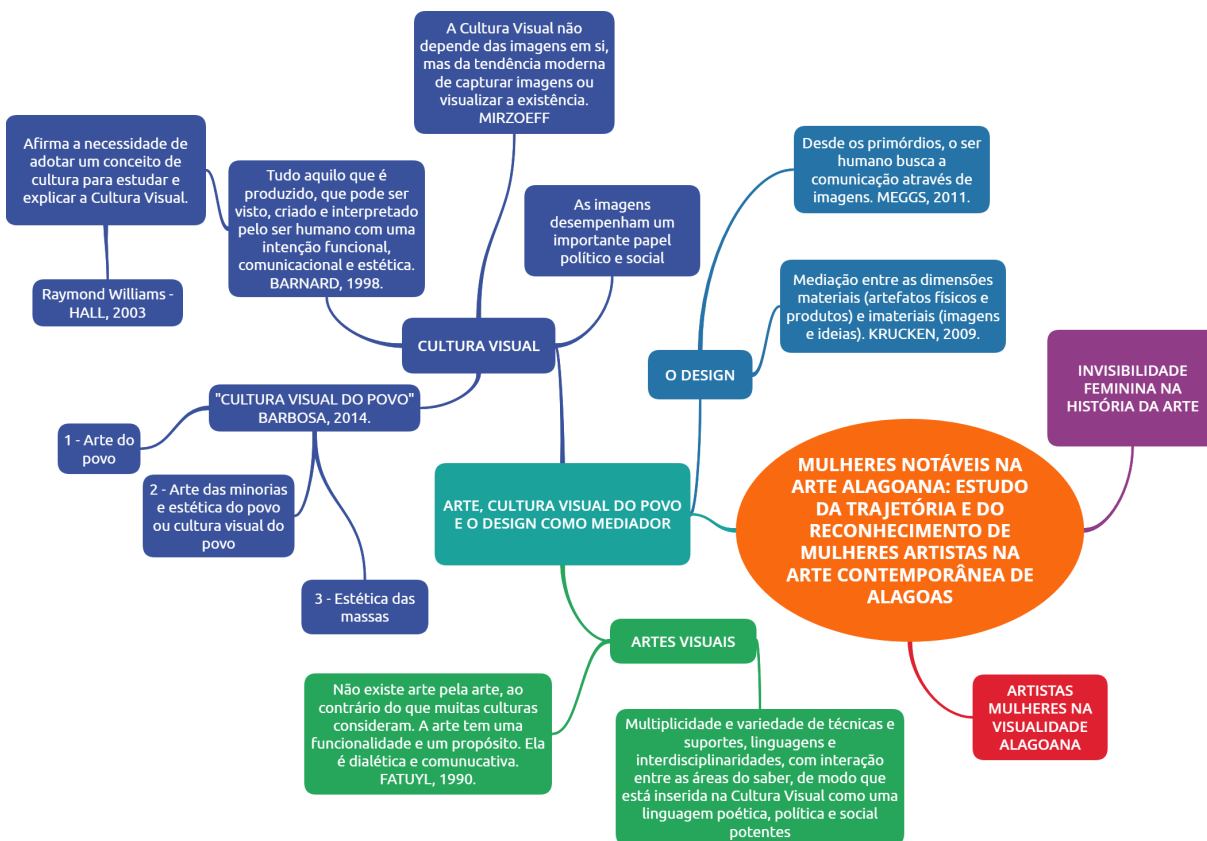


Figura 90. Parte 1 - Mapa mental da pesquisa, 2021. Fonte: autora.

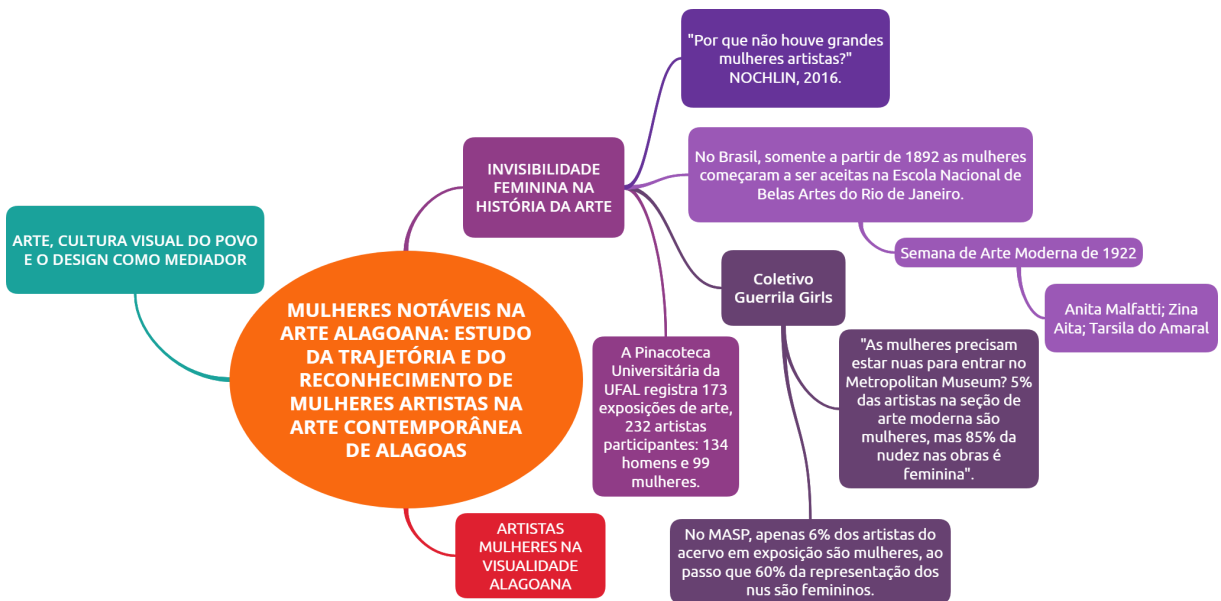


Figura 91. Parte 2 - Mapa mental da pesquisa, 2021. Fonte: autora.



Figura 92. Parte 3 - Mapa mental da pesquisa, 2021. Fonte: autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os aspectos estudados, atestamos que a comunicação através de imagens e esquemas gráficos está na vida humana como quesito essencial, e que tudo o que nos rodeia e revela significados simbólicos e culturais - sejam religiosos, artísticos, informativos, enfim - está inserido na Cultura Visual.

Desse modo as Artes Visuais estão inseridas na Cultura Visual, não só pela via de representação imagética, mas também por todo o conjunto de de signos que a caracterizam como um potente instrumento político e social transformador, principalmente quando observados pela ótica que rompe com a diferenciação entre arte e cultura das elites vs. arte e cultura popular (do povo), e reconhece a importância do cruzamento dessas manifestações artísticas.

Abordar questões de gênero na História da Arte Visual e identificar a falta de visibilidade feminina nos lugares de destaque desse campo, é saber que assim como os demais campos de atuação, há também nas artes um apagamento da história de mulheres que venceram barreiras imposta pelo machismo, sexismo e tradicionalismos de seus tempos.

Quando NOCHLIN (2016) indaga “*Por que não houve grandes mulheres artistas?*”, na verdade, assim como a pesquisadora afirma em seu texto, sabemos que sim, existiram. Porém, a pergunta que subentende-se nesse ensaio é: sabendo que existiram e, sobretudo, resistiram às dificuldades de seus tempos para exercer o ofício da arte, por que não alcançaram visibilidade?

Apesar da força machista que atravessa a história universal, do Brasil e de Alagoas - tradicionalista por natureza, originada e desenvolvida e latifúndios e engenhos - a resistência de expoentes femininos como Miriam Lima e Maria Tereza Vieira fizeram total diferença quando abriram caminhos para as próximas artistas que, certamente viriam e alcançariam lugares ainda maiores. E vieram. E alcançaram.

Eva Le Campion, Hilda Moura, Jeanine Toledo, Maria Tereza Vieira e Rosa Maria Piatti são exemplos de artistas mulheres que fazem de sua expressão uma potente via de comunicação, serviço social, apesar de representarem uma minoria do gênero feminino alagoano na arte contemporânea. Por todos esses aspectos, seguramente, a expressão destas artistas traz uma significativa importância para a Arte Contemporânea alagoana e para o seu imaginário contemporâneo. Porém, também fica claro o desenho social que esta representatividade reflete da cultura hegemônica alagoana. Estas mulheres são importantes, alcançaram lugares inimagináveis através de sua obra, mas não podemos deixar de observar todas as circunstâncias de privilégio que contribuíram para este lugar de notabilidade: acesso aos estudos básicos e específicos de arte; oportunidade de estudar fora do estado e até fora do país também; acesso aos materiais artísticos; influências intelectuais e sociais; além de que são todas mulheres brancas de classe média alta.

As obras destas artistas podem ser encontradas no acervo da Pinacoteca Universitária - Museu de Artes Visuais da UFAL.

REFERÊNCIAS

ALVES, Joaquim. **Arte Alagoas**: Exposição Arte Alagoas - Centenário do poeta Jorge de Lima. Maceio, 1987.

ALVES, Joaquim. **Arte Alagoas II**: Exposição Arte Alagoas - Centenário do poeta Jorge de Lima. Maceio, 1987.

ANDRÉ, Bianka.P.; MELO, Amanda C. F. B. **De todos um pouco**: aspectos multiculturais da leitura de imagens no ensino da arte. Rio de Janeiro: Revista Philologus, 2015.

ARTEREF, 2021. **A participação das mulheres na história da arte**. Disponível em: <<https://arteref.com/opiniao/instituto-tomie-ohtake/a-participacao-das-mulheres-na-historia-da-arte/>>. Acesso em: 23 de mai. de 2021.

ARTE CONTEMPORÂNEA DAS ALAGOAS, [s.d.]. **Maria Amélia**. Disponível em: <<https://contemporaneadasalagoas.art.br/artista/maria-amelia/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

ARTE CONTEMPORÂNEA DAS ALAGOAS, [s.d.]. **Eva Le Champion**. Disponível em: <<https://contemporaneadasalagoas.art.br/artista/eva-le-campion/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

ARTE CONTEMPORÂNEA DAS ALAGOAS, [s.d.]. **Rosa Piatti**. Disponível em: <<https://contemporaneadasalagoas.art.br/artista/rosa-piatti/>>. Acesso em: 19 de jul. de 2021.

CAMPOS, Celia. **Uma visualidade:** trajetória e crítica da pintura alagoana: 1982 a 1992. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

CASTRO, Teresa; MEDEIROS, Margarida. **O que é a cultura visual?**. Revista de Comunicação e Linguagens. n. 47, 2017.

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, [s.d]. **A representatividade da mulher na arte.** Disponível em: <<http://centrocultural.sp.gov.br/2020/03/06/a-representatividade-da-mulher-na-arte/>>. Acesso em: 27 de nov. de 2020.

COLETIVO AFRO CAETÉ, 2018. **Uma justa homenagem para Dona Lourdes de Lima Arcanjo, coordenadora do bumba meu boi Trovão.** Disponível em: <<https://coletivoafrocaete.blogspot.com/2018/09/uma-justa-homenagem-para-dona-lourdes.html>>. Acesso em: 26 de jul. de 2021.

COSTA JÚNIOR, H. G. **Entre arte e design:** sobre afectos e afecções na obra de Guto Lacaz. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

DUARTE, Valquíria G.; GOMES, Susane F. **Do invisível ao legível:** problematizações acerca da questão de gênero no campo das artes. VI Congresso Internacional de História. [s.l], [s.d].

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, [s.d.]. **Jeanine Toledo.** Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa243906/jeanine-toledo>>. Acesso em: 26 de jul. de 2021.

GUIMARÃES, Lêda. **Arte, design e cultura visual do povo: uma conversa entre mulheres.** Revista GEARTE, Porto Alegre, 2018.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidade e Mediações Culturais.** Belo Horizonte: UFMG, 2003. 433 p.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE, 2017. **Exposição Invenções da Mulher Moderna, para além de Anita e Tarsila.** Disponível em: <<https://www.institutotomieohtake.org.br/exposicoes/interna/invencoesdamulhermoderna>>. Acesso em: 01 de mar. de 2021.

KARANDASH, [s.d.]. **Galeria Maria Amélia Vieira.** Disponível em: <http://www.karandash.com.br/pt/Autor/22/MARIA_AM%C3%89LIA_VIEIRA>. Acesso em: 19 de jul de 2021.

KRUCKEN, Lia. **Design e Território: Valorização de Identidades e Produtos Locais.** Editora Nobel, 2009.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. **Artes visuais, feminismos e educação no Brasil: a invisibilidade de um discurso.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul., 2014.

MELO, Ana Beatriz Bezerra de. **Os ecos da geração 80: a pintura contemporânea em Maceió.** 2016. 157 p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Alagoas.

NABAIS, Joaquim. **A invisibilidade da mulher na história da arte: Exposição** Biblioteca Municipal. Penamacor - PT, 2008.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?**. São Paulo: Studio São Paulo, 2016.

PORTUGAL, Cristina. **Design na formação de uma cultura visual crítica**. In: Cultura Visual, n. 16, dezembro/2011, Salvador: EDUFBA, p. 71-84.

REVISTA PÓLEN, [s.d.]. **As mulheres, a arte e a invisibilidade**. Disponível em: <<https://revistapolen.com/as-mulheres-a-arte-e-a-invisibilidade/>>. Acesso em: 23 de mar. de 2021.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e. **Dicionário mulheres de Alagoas ontem e hoje**. Maceió: EDUFAL, 2007. 456 p.

SILVA, Larissa Rachel Gomes. **Mulheres/artistas na história da arte: a busca pelo reconhecimento e visibilidade**. Caderno de Cultura e Ciência - Universidade Regional do Cariri, Cariri - CE, 2018.

SILVA, Ursula Rosa da. **Cultura visual e História da Arte: a tradição do olhar sob a perspectiva pós-moderna**. Rio Grande do Sul, [s.d.].

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Catálogo Pinacoteca Universitária na arte do século XXI**. Maceió: Gráfica Moura Ramos, 2011. 114 p.

VIANNA, Maurício et al. **Design Thinking: inovação em negócios**. 1ª edição. Rio de Janeiro: MJV Press, 2012.